



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE, ECONOMIA E
GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

**HETEROGENEIDADE RACIAL ENTRE IRMÃOS: EFEITOS NA EDUCAÇÃO E
NO MERCADO DE TRABALHO**

CLEITON DOS SANTOS BATISTA

**ORIENTADORA: MARIA EDUARDA TANNURI-PIANTO
BRASÍLIA, JUNHO DE 2023**

Heterogeneidade racial entre irmãos: os efeitos da educação e do mercado de trabalho na identificação familiar distinta intrafamiliar no Brasil

Monografia apresentada ao Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do grau de bacharelado em Ciências Econômicas.

Orientadora: Dra. Maria Eduarda Tannuri-Pianto.

Brasília
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha família, que sempre me deu o devido suporte e muito mais que isso, quem sempre acreditou que seria possível realizar o sonho de ser o primeiro da família a formar em uma universidade pública, nominalmente à minha mãe, e principalmente à ela, Maria Creuza e irmãos Glesio, Cássio e Gabriel.

À minha orientadora, professora Maria Eduarda Tannuri-Pianto, que sempre se fez presente e disponível para horas de conversa que seriam importantes não só para os resultados deste trabalho, como também para os aprendizados que levarei comigo sobre comprometimento e dedicação.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e estiveram por perto, como um impulso importante em momentos difíceis. Em especial, ao carinho da Lara Nery, que me deu suporte e acreditou em mim desde o ensino médio, ao valor que sempre dou à identificação e coragem da Marcela Ponce, à mais verdadeira e genuína amizade da Cindy Oliveira, e às sugestões e apoio da Victoria Moura e aos demais que ainda me acompanham.

Aos meus amigos de curso Vinicius Nery, Ana Luísa, Arthur Mendes, Henrique Paiva e João Marcelo, que estiveram presentes comigo em todo ou parte dessa jornada muitas vezes intensa, mas que com carinho e muita admiração, tudo caminhou melhor.

Ao departamento de Economia e à UnB que me acolheram em toda a complexidade que segue comigo como história não só minha. Por mais que seja um trabalho lento, escrever sobre raça em Economia é uma forma de me afirmar e como lembrou Angela Davis “Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar”.

RESUMO

Com base nos dados de 2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), este estudo examina a heterogeneidade racial entre irmãos pertencentes à mesma família, com o objetivo de atualizar a pesquisa realizada no artigo de A. Francis-Tan (2016). Dessa forma, a reavaliação dos fatores relacionados à distinção racial entre irmãos que vivem no mesmo domicílio revelou que aspectos socioeconômicos e demográficos podem estar relacionados às características e composições familiares, especialmente no que diz respeito aos níveis educacionais e às variáveis de renda. Os resultados evidenciaram que a heterogeneidade racial entre irmãos ocorre em até 19% das famílias, sendo a distinção racial entre os pais um dos principais preditores dessa situação. Além disso, a disparidade de renda revelou que em domicílios com filhos identificados com raças diferentes, os salários dos pais, assim como a média salarial, são menores comparando aos domicílios em que os filhos são todos identificados como brancos. Essas análises contribuem, portanto, para a compreensão da dinâmica de desigualdade racial ainda presente no Brasil.

Palavras chave: identificação racial, raça, diferenças raciais, irmãos, desigualdades

ABSTRACT

Based on 2019 data from the National Household Sample Survey (PNAD), this study examines racial heterogeneity among siblings within the same family, aiming to update the research from the article by A. Francis-Tan (2016). Thus, reevaluating factors related to racial distinction among siblings living in the same household has shed light on the correlation between socioeconomic and demographic aspects with familial characteristics and compositions, particularly in terms of educational levels and income variables. The results have shown that racial heterogeneity among siblings occurs in up to 19% of families, with one of the main predictors being racial distinction between the parents. Additionally, income disparity reveals that households with children identified as different races have lower parental salaries, as well as lower average salaries compared to households where all children are identified as white. Therefore, these analyses contribute to understanding the dynamics of racial inequality still present in Brazil.

Keywords: racial identification, race, racial differences, siblings, inequalities

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1. Motivação.....	9
2. Revisão Teórica e da Literatura.....	12
2.1. Teoria econômica e desigualdade racial no Brasil.....	12
2.2. Raça e identidade racial no Brasil.....	16
2.3. Classificação racial e determinantes sociais e econômicas relacionadas à discriminação racial.....	18
3. Dados e estatísticas descritivas.....	21
3.1. Os dados.....	21
3.1.1. Amostra por segmentações por faixas de idade.....	21
3.1.2. Variáveis relacionadas à raça.....	24
3.1.3. Variáveis de mercado de trabalho e educação.....	25
3.1.4. Construção de variáveis e especificações.....	25
3.2. Estatísticas descritivas.....	30
3.2.1. Educação.....	35
3.2.2. Rendimentos e mercado de trabalho.....	36
3.2.3. Características e composições familiares em domicílios com 2 ou mais irmãos.....	40
4. Metodologia e resultados.....	45
4.1. Metodologia.....	45
4.2. Resultados.....	47
4.2.1. Modelo de probabilidade linear.....	47
4.2.2. Modelo de diferenças ajustadas e não ajustadas entre os grupos raciais.....	52
4.2.3. Modelo intrafamiliar a partir de efeitos fixos.....	59
5. Conclusão.....	62
6. Referências Bibliográficas.....	65
Anexos.....	68

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1:** QUANTIDADE DE DOMICÍLIOS POR SEGMENTAÇÕES DE IDADE E OCORRÊNCIA DA DIFERENÇA RACIAL ENTRE IRMÃOS DO MESMO DOMICÍLIO _____ 23
- TABELA 2:** QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS POR SEGMENTAÇÕES DE IDADE E OCORRÊNCIA DA DIFERENÇA RACIAL ENTRE IRMÃOS DO MESMO DOMICÍLIO _____ 23
- TABELA 3:** CARACTERÍSTICAS GERAIS DA BASE DE DADOS TOTAL CONSIDERANDO AS SEGMENTAÇÕES POR IDADE _____ 30
- TABELA 4:** CARACTERÍSTICAS GERAIS DA BASE DE DADOS EM DOMICÍLIOS COM 2 OU MAIS IRMÃOS CONSIDERANDO AS SEGMENTAÇÕES POR IDADE _____ 33
- TABELA 5:** INCIDÊNCIA DA CLASSIFICAÇÃO RACIAL DISTINTA ENTRE IRMÃOS DE MESMOS PAI E MÃE EM DOMICÍLIOS COM 2 OU MAIS FILHOS POR FAIXAS DE IDADE _____ 41
- TABELA 6:** MODELOS DE PROBABILIDADE LINEAR PARA CARACTERÍSTICAS PREDITORAS DE FILHOS COM RAÇAS DIFERENTES SEGMENTADAS POR FAIXAS DE IDADE _____ 48
- TABELA 7:** DIFERENÇAS RACIAIS NOS RESULTADOS EDUCACIONAIS E DO MERCADO DE TRABALHO EM AMOSTRAS COMPLETAS E ENTRE IRMÃOS COM E SEM CONTROLE - SEGMENTAÇÃO ENTRE 5 E 13 ANOS _____ 53
- TABELA 8:** DIFERENÇAS RACIAIS NOS RESULTADOS EDUCACIONAIS E DO MERCADO DE TRABALHO EM AMOSTRAS COMPLETAS E ENTRE IRMÃOS COM E SEM CONTROLE - SEGMENTAÇÃO ENTRE 14 E 19 ANOS _____ 54
- TABELA 9:** TABELA DE DIFERENÇAS EM EDUCAÇÃO E RETORNOS DO

MERCADO DE TRABALHO COMPARANDO RAÇAS NA BASE TOTAL
SEGMENTADA POR FAIXA DE IDADE (20 A 25 ANOS) E SEGMENTAÇÕES DE
IRMÃOS COM E SEM CONTROLE _____ 57

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: EDUCAÇÃO MÉDIA (EM ANOS) EM DOMICÍLIOS COM FILHOS DE MESMA RAÇA OU FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES _____	34
GRÁFICO 2: VALORES DOS DECIS DE RENDA (R\$) _____	37
GRÁFICO 3: DECIS DE RENDA COMPARANDO FAMÍLIAS COM IRMÃOS DE RAÇAS IGUAIS E RAÇAS DIFERENTES _____	38
GRÁFICO 4: SALÁRIO MÉDIO E RENDA DOS PAIS EM DOMICÍLIOS COM FILHOS DE MESMA RAÇA OU FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES (R\$) _____	39
GRÁFICO 5: PARTICIPAÇÃO NA FORÇA DE TRABALHO SEGMENTADA POR DOMICÍLIOS COM FILHOS DE MESMA RAÇA E FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES _____	40
GRÁFICO 6: PERCENTUAL DE FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES POR COMPOSIÇÃO RACIAL DOS PAIS (%) _____	46
GRÁFICO 7: PERCENTUAL DE FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES POR COMPOSIÇÃO DE GÊNERO DOS FILHOS (%) _____	68
GRÁFICO 8: PERCENTUAL DE FILHOS DE RAÇAS DIFERENTES POR COMPOSIÇÃO EDUCACIONAL DOS PAIS (%) _____	68

1. Introdução

1.1. Motivação

De maneira indiscutível, as identidades raciais no contexto brasileiro assumem uma complexidade de discussão, que toma dimensões não apenas sociais, como também econômicas. O fato é, que a classificação racial padrão das pesquisas demográficas bem como a identificação racial por si, nesse cenário, dão vazão à discussão sob o ponto de vista socioeconômico do constructo social. Isso faz com que a raça no contexto brasileiro, seja entendida numa ótica fluida e em última análise, endógena, ao se agrupar a outras variáveis para justificar complexas realidades sociais (MITCHELL-WALTHOUR & DARITY, 2014).

Partindo dessa visão, a abordagem da questão racial sob a perspectiva de desigualdade no Brasil tomou como centralidade o prisma econômico ao longo do século XX. Isso porque, uma vez revelado o caráter histórico de segregação da população negra, nomes como Becker (1957), Oaxaca-Blinder (1973), Heckman (1979) e outros pesquisadores contribuíram para a compreensão das desigualdades e seus efeitos sob uma abordagem teórica. Esse aparato teórico ainda gera contribuições importantes acerca do estudo de desigualdades no campo da economia (CHADAREVIAN, 2010). Desse modo, as ideias empíricas, verificam a complexidade teórica e prática das dimensões econômicas relacionadas à construção racial.

Frente a essas teorias, as desvantagens sociais e econômicas a partir de um ideal de desprestígio racial foram legitimadas sob um viés estigmatizante, denotando a não aleatoriedade da dimensão racial nos modelos de estudo de desigualdades, mas sim a existência de padrões e restrições sistemáticas (FRANCIS & TANNURI-PIANTO, 2013). O tema ganha ainda mais complexidade quando a dimensão da auto identificação racial ganha luz, reiterando a ideia da existência estruturalmente reconhecida, mas ainda velada, de padrões de desigualdades.

Ainda que crescente, a literatura sobre raça e discriminação racial em contextos gerais ou mesmo econômicos ainda é defasada quando relacionada às dinâmicas intrafamiliares (TOMÁS, 2016). Nessa toada, Schwartzman (2007) estudou a instrução como ponto referencial das divergências na classificação racial intergeracional, revelando uma motivação social no desejo de clareamento das gerações. De maneira mais específica, Telles e Sue

(2009), sugerem que a mistura racial e identificação multirracial criou um cenário propício para o racismo sob o prisma de hierarquias raciais.

Mais especialmente Francis (2016) se debruçou sobre a temática da pesquisa em questão, buscando estudar as diferenças raciais entre irmãos da mesma mãe e mesmo pai em um domicílio, verificando de que forma as variáveis educacionais e do mercado de trabalho em toda a relação familiar se relacionam com o evento de heterogeneidade racial. Em suma, o autor coloca em foco uma dinâmica familiar em que irmãos de um domicílio são identificados de forma distinta entre si racialmente.

O estudo buscou entender, portanto, os padrões entre famílias e intrafamiliarmente, indo de encontro às ideias e teorias econômicas de desigualdades raciais, bem como a dimensão das hierarquias raciais. Esse prisma ajuda a montar uma análise que relaciona tanto fatores estruturalmente sociais, bem como dimensões complexas de gênero, classe e raça.

Avaliar, portanto, efeitos de variáveis sociais, econômicas e fenotípicas sobre o contexto racial ajuda a entender as dimensões das heteroclassificações raciais entre irmãos. Partindo, então, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada e promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e tendo como referência o artigo de A. Francis-Tan (2016) que analisa o fenômeno de diferenças de classificação racial entre irmãos, o presente trabalho busca atualizar e reavaliar os fatores relacionados à distinção racial de filhos de mesma mãe e mesmo pai.

Para tanto, a pesquisa utiliza dados da pesquisa anual, partindo da quinta visita de 2019 da PNAD contínua, em que foi verificado a partir de segmentações por faixas de idade que o evento ocorre em até 19% dos domicílios, ao olhar para a segmentação entre 14 e 19 anos. Comparativamente aos Estados Unidos, segundo dados de estudo do artigo base de Francis (2016), esse valor é cerca de dez vezes maior, mostrando que as especificidades do contexto racial brasileiro de fato complexificam esse acontecimento.

Ao focar nas variáveis educacionais, o diferencial de educação entre filhos de raças diferentes e filhos de mesma raça – especialmente todos irmãos identificados como brancos – é de cerca de 1,2 anos de estudo médio dos filhos destes domicílios. Ainda, focando internamente no grupo de filhos com raças diferentes, ainda é possível notar uma ligeira desvantagem do grupo de irmãos pretos e pardos com relação aos brancos, com uma desvantagem média de 0,5 anos de estudos.

Essa diferença é mais evidente quando o enfoque está nas variáveis de renda, em que o salário médio em domicílios em que todos os filhos são identificados como brancos foi de R\$1.355,11, enquanto para os domicílios com raças diferentes foi de R\$ 652,47. Ainda, ao comparar ainda, os filhos racialmente distintos entre si, a média para o grupo de indivíduos brancos é maior em cerca de 9%, comparado ao grupo de irmãos pretos do domicílio reforçando aspectos de desigualdades.

Essas e outras diferenças estudadas, dão dimensão à originalidade do estudo de Francis, ao estudar profundamente empiricamente as correlações das diferenças raciais entre irmãos pela primeira vez sob a perspectiva de influência de raça, renda e educação dos pais . É nesse sentido, que este estudo busca dar continuidade à contribuição para a literatura sobre desigualdades raciais, estudando os importantes fatores para identificar o efeito das diferenças intrafamiliares de educação e renda associadas à raça.

1.2. Objetivo do trabalho

Dada a importância do tema e da motivação da pesquisa, centrado na complexidade da identificação racial, o presente trabalho em seu desenvolvimento, se propõe analisar, de maneira detalhada, como os processos de identificação racial no interior das dinâmicas familiares engendram formas complexas na determinação de raça de maneira geracional e, conseqüentemente, na formação de identidade racial. Essa análise parte, portanto, da prevalência de padrões de famílias com irmãos de mesmo pai e mãe que são racialmente classificados de maneira diferente.

A intenção, a partir desses eventos, é levantar os padrões relacionados e não limitados a fatores educacionais, dos retornos do mercado de trabalho, bem como outras características sociais entre as famílias que apresentam heterogeneidade racial entre irmãos. Desse modo, estendendo a abordagem de Francis (2016), esta pesquisa visa identificar o efeito na variável de determinação de raça, examinando os resultados do mercado de trabalho e das influências sociais nesse processo.

Assim, a partir da perspectiva da teoria econômica bem como da dimensão de conceitos sociais importantes para o estudo de raça no contexto brasileiro, este estudo visa compreender se os filhos identificados com raças diferentes sendo da mesma família, e

portanto, podendo supor que possuem mesma carga genética, educação e que supostamente têm acesso aos mesmos recursos familiares, terão resultados educacionais e no mercado de trabalho diferentes, justamente por terem raças diferentes. Sendo assim, a intenção torna-se estender a contribuição para a literatura sobre discriminação racial.

2. Revisão Teórica e da Literatura

2.1. Teoria econômica e desigualdade racial no Brasil

O preconceito racial, as desigualdades relacionadas à distribuição de renda e o caráter de segregação têm raízes históricas que explicam as dificuldades de equalização racial em se tratando da baixa mobilidade de renda quando relacionada à população negra, uma análise que se estende até o contexto atual (THEODORO et. al, 2008). Nessa medida, a abordagem da questão racial sob essa perspectiva de desigualdade no Brasil tomou como centralidade o prisma econômico ao longo do século XX, expressando que essa desproporção relacionada aos diferenciais salariais no mercado de trabalho entre brancos e não-brancos de fato assume um aspecto distributivo (OSÓRIO, 2021).

Justamente sobre o diferencial salarial entre brancos e negos, o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) intitulado de “*A Desigualdade Racial no Brasil nas Três Últimas Três Décadas*” revelou uma persistência da desigualdade racial sob esse prisma. Segundo as análises de Osório (2021, p.16) “[...] de 1986 a 2001, a renda média dos brancos era em torno de 2,4 vezes maior que a dos negros. De 2002 a 2008, essa razão diminui um pouco, mas se encontra estável desde 2009, com a renda média dos brancos aproximadamente duas vezes maior que a dos negros.”

Barros (1996) clarifica sobre a existência teórica que relaciona justamente a existência da relação entre discriminação racial e mobilidade social. Essa ideia se edifica em dois principais mecanismos, o primeiro relacionado a uma característica hereditária de cor que segue os contornos das gerações, “fazendo com que os filhos daqueles que são discriminados hoje sejam os discriminados amanhã” (BARROS & MENDONÇA, 1996. p.188). O outro fator estaria então relacionado às probabilidades de existência de casamentos de pessoas da mesma raça, ou casamentos inter-raciais, que neste último caso, levaria a uma maior probabilidade de mobilidade social.

A instrumentação teórica no campo da economia acerca das desigualdades raciais nasceu sob a escola neoclássica nos Estados Unidos nos anos 1960 e desde então contou com importantes contribuições para a compreensão dos seus efeitos. Nessa medida, engendrados por nomes como Becker (1957), Oaxaca-Blinder (1973), Heckman (1979) e outros pesquisadores, esses dispositivos de estudo das desigualdades raciais continuam a gerar importantes reflexões acerca das desigualdades no campo da economia (CHADAREVIAN, 2010).

Criticamente, do lado sociológico, em contrapartida, DuBois (1899) apresenta-se como pioneiro nos estudos empíricos das desigualdades raciais no mercado de trabalho. Já em 1899, estudando os EUA, o autor dá luz à sobrerrepresentação de pessoas não brancas em serviços domésticos, manuais e na pobreza. De fato, a teoria sociológica enfatizou as questões raciais sob a luz das desigualdades socioeconômicas que têm sob a perspectiva interseccional de raça e gênero o que Teodoro (2008) referencia como condição inicial. Nesse sentido, afirma que “esse passado legou ao Brasil uma composição racial específica da população que estava – e ainda está – associada à estratificação socioeconômica”. (THEODORO, 2008)

Ainda, Myrdal (1942) contribuiu para a perspectiva de construção de estrutura de classes na motivação de desigualdade racial a partir da teoria da causação circular. Essa teoria de Myrdal utilizou como premissa a ideia de que um distúrbio inicial em um contexto considerado de equilíbrio levaria a efeitos que não tendem a ser restaurados e sim reiterados, distanciando-se do ponto de equilíbrio. Por essa ótica a teoria da causação circular figura sobre as dimensões das desigualdades raciais, uma vez que aprofunda a ideia inicial de preconceitos, segregação, distribuição e concentração de renda comparando negros e brancos (BAPTISTA, 2022).

Partindo da perspectiva de Becker na formulação de teorias econômicas voltadas para discriminação racial, que surgiu na década de 1950, três correntes principais no contexto mais ortodoxo ainda coexistem. As teorias de “propensão à discriminação”, a do “capital humano”, e a da “discriminação estatística” formulam sobre a lógica de discriminação racial, dando um impulso inicial no estudo da economia da discriminação (LOUREIRO, 2004).

De fato, como afirma Chadarevian (2011), as teorias diferem entre si, “tanto com relação à fonte destas desigualdades, quanto ao mecanismo de seu funcionamento, ou ainda à maneira de quantificá-las”. Ainda assim, para Becker (1957), a discriminação racial se

caracteriza pela maximização da função de utilidade sob uma busca essencialmente racional. Nesse sentido, a discriminação se dá na medida em que um grupo que tem habilidades, educação, experiência e outros fatores de igual identificação apresentam diferenciais salariais por conta de condições que não têm efeito direto sobre a produtividade, como o caso de raça e etnia (LOUREIRO, 2004).

Assim, a discriminação no mercado de trabalho dá-se a partir da visão de um empregado negro como um custo não-monetário na produção, levando, portanto, a uma desutilidade. Acontece que as inconsistências desse pensamento perpassam a própria lógica de formulação, uma vez que, tautologicamente, a discriminação racial é explicada pelo próprio ódio racial, tornando redundante a justificativa teórica. Além disso, a quantificação da discriminação tornou-se um obstáculo para a teoria de Becker, uma vez que uma variável tão subjetiva contorna toda a teoria. O que o autor tomou como alternativa foi considerar o resultado a discriminação de maneira ex-post uma medida da própria discriminação (CHADAREVIAN, 2011).

Em se tratando do diferencial de salário no mercado de trabalho as teorias de Oaxaca (1973) desenvolvem uma perspectiva a partir de evidências que a diferenciais salariais advinham devido a discriminação no mercado de trabalho. Blinder (1973) especialmente denota a dos diferenciais salariais entre brancos e negros e homens e mulheres como fatores derivados de discriminação do mercado de trabalho. Isso evidencia o que a teoria diz respeito, em que tudo o mais constante relacionado a produtividade de dois grupos sociais, a existência de tratamento diferenciado ou mesmo o recebimento de salários diferentes configuram a discriminação (OAXACA, 1973)

Em crítica aos pressupostos de Becker, Finis Welch (1989) formula a partir da teoria do capital humano, que os trabalhadores são naturais e desigualmente produtivos e essa desigualdade reside, portanto, no diferencial educacional relacionado aos investimentos em cada indivíduo. Torna-se compreensível para a teoria, então, os diferenciais salariais entre negros e brancos. De modo a tornar a teoria mais robusta, três componentes buscam determinar esse diferencial salarial: i) a qualidade das escolas, ii) discriminação do nível educacional e iii) discriminação racial no mercado de trabalho (CHADAREVIAN, 2010).

Nessa medida, esse pressuposto de que negros e brancos assumem então lugar de complementariedade no mercado de trabalho esbarra também em críticas, uma vez que a dimensão de capital humano assume limitações teóricas e práticas em seu processo de

quantificação. Além disso, o problema de especificação do modelo que se desenvolve – quando da relação entre nível de renda e a produtividade – revela, como Chadarevian (2011) denota, como uma “circularidade na relação entre capital humano e salário”. Apesar dessas evidências, o modelo em si apresenta uma grande penetração no contexto brasileiro quanto do estudo da discriminação e desigualdade racial.

Como medida de ruptura a essas ideias estabelecidas no cerne da construção de teorias de estudo de desigualdades raciais no Brasil, autores críticos desse paradigma dominante defendem a ideia de ideologia e mecanismos que reforçam a discriminação racial enquanto fatores relacionados ao contexto social, político e econômico. Nesse sentido, como apesar de independentes a interação é clara entre a origem social e discriminação racial, evidenciando uma relação de transmissão das ideias de discriminação racial (OSORIO, 2003, 2008; RIBEIRO, 2006).

Ainda, sob a perspectiva de modelos que buscam sintetizar as desigualdades, Lundberg e Startz (1998) enfatizaram os efeitos da segregação a partir de um modelo de transmissão intergeracional de desigualdade. A ideia como Loureiro (2004) desenvolve, está centrada na discussão de como a discriminação passada afeta a família como sendo “um modelo de "Overlapping Generations" aplicado à persistência do diferencial racial de renda”. (LOUREIRO, 2004)

De fato, a visão crítica movimenta-se para comprovar ao que Chadarevian (2011) comenta sobre a discriminação como o caráter endógeno em uma economia capitalista. Nota-se, portanto, uma inclinação teórica e prática que incorpora fatores sistemáticos e sociais, na medida que estes são aspectos complexos relacionados a grupos sociais dominantes e dominados, reforçando a ideia de incorporação de variáveis que levam em conta cenários socioeconômicos para a análise empírica para além da pura racionalidade.

De fato, a incorporação de modelos empíricos que transmitem as desigualdades raciais perpassa, sobretudo, na ideia de construção de raça no contexto brasileiro. Considerar, portanto, variáveis de determinação racial bem como fatores de construção de identidades raciais, verifica complexidade teórica e prática quando da reflexão acerca das dimensões econômicas bem como de variáveis sociais importantes para sistematizar os modelos.

2.2. Raça e identidade racial no Brasil

O estudo de raça no cenário brasileiro perpassa não apenas o caráter superficial da etnicidade, mas tece uma complexa trama da formação de identidade racial em caráter individual e coletivo. As identidades raciais, nesse sentido, integram complexidades desde suas gêneses, na medida em que a trajetória histórica da discussão de raça convive com ambiguidades relacionadas ao tipo de classificação, que se diferencia de acordo com os agentes envolvidos nesta identificação e os aspectos sociais, econômicos e até geográficos (GUIMARÃES, 1995).

Mesmo integrando parte fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento do Brasil, as identidades raciais de pessoas negras passaram, de maneira estrutural, por um processo de marginalização e estigmatização. Essa espécie de desprestígio que foi imposto, passou a legitimar desvantagens sociais e econômicas sob um viés estigmatizante e muitas vezes opaco, que coloca a identidade de raça e o aspecto puramente técnico de classificação racial como acessórias à discussão intrigante correlata à ideia de que, embora ambígua, a dimensão racial não é aleatória, mas assume padrões e restrições sistemáticas (FRANCIS & TANNURI-PIANTO, 2013).

Por esse prisma, no que se diferencia de outros países, existe uma fluidez e dinâmica dos termos raciais e de auto identificação racial brasileira sendo, portanto, essa mesma ideia que tenta elucidar as dimensões de cor e raça enquanto adjacentes na formação identitária e eleva a discussão acerca da classificação racial brasileira, refletindo sobre o que se coloca como primordial. Evidentemente, no Brasil, a priori, a formação racial dá-se por aparência e muito menos por fatores que reiteram ascendência ou ancestralidade como em contextos extra Brasil (TELLES, 2003). De fato, como Guimarães (1995) coloca ao traduzir as ideias de Harris (1974):

“[...] como não há uma regra clara de descendência biológica definindo grupos raciais, mas, ao contrário, as classificações seguem diferenças de aparência física e a ‘interação entre uma variedade de status adquiridos e adscritos’ (Harris, 1974), isso parece significar para alguns autores que não se pode falar nem mesmo de grupos raciais no Brasil, mas apenas de ‘grupos de cor’” (GUIMARÃES, 1995. p. 33)

Isso ajuda a entender, como explica Guimarães (1995), como essa noção de cor e aparência física surgiram como substitutas para as raças no imaginário brasileiro, dando

vazão a discussões importantes sobre a ideia política e, conseqüentemente, socioeconômica do constructo racial. E para além da ideia subjetiva que se coloca, a transversalidade do assunto dimensiona como outros fatores interagem para determinação de padrões relacionados à raça, pois como analisam G. Mitchell-Walthour e W. Darity (2014), sob a ótica ativista do movimento negro brasileiro é possível entender a “[...] identidade racial como fluida, contingente e, em última análise, endógena”, sugerindo que outras variáveis, como fatores sociais e econômicos, podem determinar e serem determinadas a partir dela, dando cor às desigualdades no contexto econômico brasileiro.

Nessa medida, apesar de uma crescente da literatura sobre raça e discriminação racial no que tange aspectos essencialmente econômicos – como é o caso de estudos sobre o fator dos retornos do mercado de trabalho ter relação com o embaquecimento – ainda é defasada a produção com relação às dinâmicas intrafamiliares e relações raciais (TOMÁS, 2016). Partindo dessa perspectiva, Schwartzman (2007), estudando o embranquecimento intergeracional estudando dados comparativos entre a década de 1990 e dados de 2005, explicita a mudança de classificação racial dos filhos com relação aos pais de acordo com os próprios status educacionais e de rendimentos. Assim, expõe as divergências nas propensões entre pais não brancos e brancos com relação à classificação racial dos filhos, tendo a instrução como ponto essencial para essa comparação (SCHWARTZMAN, 2007).

Essa ideia revela, portanto, uma motivação social no desejo de clareamento das gerações e não puramente genético no Brasil, reforçando o que Telles (2004) afirma em se tratando das fronteiras entre a relação interracial na mistura de raças e o embranquecimento socialmente motivado. De fato, o que se estudou diz respeito à existência de uma propensão da classificação racial de filhos como brancos em vez de negros, que se distancia dos aspectos biológicos e se aproxima de variáveis sociais e econômicas (TELLES, 2004).

Verdadeiramente, ao olhar para a estruturalidade dos fatores relacionados à classificação e identificação, a ideia remanescente de desigualdade racial persiste, colocando em cheque a distante narrativa de “democracia racial” diante de uma população multirracial nascente de uma miscigenação que se inicia ainda no século XX (DANIEL, 2010). Acontece que mesmo diante dessas ideias gerais de democracia racial e de embranquecimento da população negra, as perspectivas de construção socialmente motivadas esbarram ainda na heterogeneidade de identificação dentro de um mesmo núcleo familiar (HARRIS, 1963)

Por outro lado, nota-se um aumento contínuo de pessoas que se reconhecem pardas ou pretas nos últimos 10 anos, evidenciando uma relação diferente que se estabelece com a negritude e o reconhecimento racial sobre os padrões socioeconômicos envoltos na autodeclaração. Como Osório (2021), observa:

“A parcela negra da população aumentou consideravelmente de tamanho, de 44%, em 1986, para 56%, em 2018. Essa mudança na composição racial deve-se principalmente à maior valorização da negritude, pois as diferenças demográficas entre negros e brancos no Brasil não seriam suficientes para produzir tamanha variação. Ao contrário, considerando a maior mortalidade dos jovens negros (Cerqueira e Coelho, 2017), seria até razoável esperar a diminuição da parcela negra da população” (OSÓRIO, 2021. p. 20)

Harris (1963) desde já, demonstrava que a ancestralidade não determina exclusivamente a raça a partir da descoberta de casos de irmãos do mesmo sangue que foram classificados em diferentes categorias raciais no Brasil. Tudo isso elucida as motivações relacionadas às classificações raciais em dimensões variáveis dentro de um mesmo domicílio, que perpassam, dentre outros fatores, questões educacionais, de retorno financeiro e até de caracterizações físicas quando da perspectiva intrafamiliar.

2.3. Classificação racial e determinantes sociais e econômicas relacionadas à discriminação racial

De fato, ao olhar para essa lógica ambígua de determinação de raça encontra-se o quase consenso das produções de que o sistema de classificação racial do Brasil concentra-se, sobretudo, na aparência (GUIMARÃES, 1999; PETRUCCELLI, 2007; TELLES, 2003). Isso dimensiona uma menor importância a fatores relacionados a ascendência ou ancestralidade. Telles e Sue (2009) identificam, então, que a auto identificação racial em um contexto multirracial, como o caso brasileiro, é motivado, de maneira central, pela auto-identidade, classificação externa e categorias sociais, criando uma atmosfera de variáveis sociais e econômicas que podem influir na identidade racial.

Como parte essencial dessa discussão, de maneira a agregar essas contribuições acerca das variáveis que podem ter efeito na classificação racial, Francis e Tannuri-Pianto (2013) discutem sobre a ideia de endogeneidade racial enquanto efeito das ações afirmativas na educação superior. Os autores produzem um modelo centrado na identificação racial, para

descobrir uma relação entre status socioeconômico, gênero, raça e outras variáveis na formação de identidade racial.

A partir disso, foram capazes de concluir não apenas que políticas étnico-raciais são potencializadoras da mudança de classificação racial, como também levantaram relações familiares nesse processo, na medida em que foi possível concluir que estudantes em famílias racialmente mistas costumam se identificar com a raça da mãe. Isso levanta, portanto, as expressões dos retornos educacionais e de rendimentos em um contexto familiar, quando os autores demonstram, por meio de seus modelos, por exemplo, que ao ser de uma família que contrata um empregado doméstico – fator que representa subjetivamente maiores rendimentos – aumenta a inclinação a ser declarado como branco em 9 pontos percentuais e reduz a probabilidade de se identificar como preto em cerca de 3 pontos percentuais (FRANCIS E TANNURI-PIANTO, 2013)

De maneira mais ampla, ainda estudando essas relações familiares no contexto da autoidentificação, Francis e Tannuri-Pianto (2013) afirmam que “várias evidências indicam que [...] o status socioeconômico mais alto está associado a uma autoclassificação racial mais clara e o status socioeconômico mais baixo a uma autoclassificação mais escura”, evidenciando, ainda que não explícito, um caráter de discriminação envolto na identificação racial. Dando mais dimensão à hierarquia racial e indo mais fundo no caráter familiar em que é notada uma mistura racial, Telles e Sue (2009) tecem que:

“[...] na América Latina, a mistura racial convive confortavelmente com uma hierarquia racial e ideologias de branqueamento. A ideia de que baixos níveis de racismo na dimensão horizontal (sociabilidade, incluindo casamentos mistos) podem coexistir com altos níveis na dimensão vertical (desigualdade e discriminação) parece contra intuitiva, mas, na verdade, é essa situação que existe em países como Brasil e foi considerado o ‘enigma das relações raciais brasileiras’. Uma ideologia nacional que promove a mistura racial e a identificação multirracial na verdade criou uma situação na qual o racismo pode prosperar” (TELLES & SUE, 2009. p. 135)

Sob esse ponto de vista, de maneira mais profunda, Francis (2016) se debruça sobre a prevalência de diferenças raciais entre irmãos de um mesmo domicílio, avaliando que essas diferenças raciais entre irmãos – em uma relação intrafamiliar no Brasil – estão correlacionadas a vários resultados da educação e do mercado de trabalho dos pais, podendo

correlacionar a essa dimensão as hierarquias raciais propostas por Telles e Sue (2009) (FRANCIS, 2016).

Utilizando o Censo demográfico de 2010, produzido e publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Francis (2016) revela uma heterogeneidade racial entre irmãos da mesma família de aproximadamente 17-19%, sendo cerca de dez vezes maior se comparado aos Estados Unidos. Nesse sentido, torna-se importante dar continuidade aos estudos referentes à diferentes classificações raciais de irmãos de uma mesma família, para realizar, como afirma Telles (2004, p.134) um “[...] rigoroso teste de discriminação racial”, partindo de estudos como o de Francis (2016), Schwartzman (2007) e outras importantes perspectivas que já contribuíram para a temática.

Ainda como Francis (2016) afirma sobre os padrões relacionados a essa heteroidentificação, a discordância racial entre os pais é o preditor mais forte. A pesquisa, empiricamente demonstrou que cerca de 40% das famílias com um dos pais branco e um não-branco apresentam alguma diferenciação de raça entre irmãos, sendo que na regressão multivariada, essa estrutura familiar aumenta a probabilidade em 33 pontos percentuais da heteroidentificação. Para mais, cerca de 30% das famílias com um pai pardo e um preto têm irmãos de raças diferentes e a partir da regressão a probabilidade de ter irmãos de raças diferentes é aumentada em 23 pontos percentuais (FRANCIS, 2016).

Diante desse referencial teórico, a avaliação ampliada das desigualdades raciais ou mesmo construção racial nos contextos domiciliares dimensionam como a renda, educação e raça dos pais afeta a classificação racial dos filhos. Dessa forma, de que modo, filhos inseridos em uma mesma conjuntura familiar, ou seja, de mesmo pai e mãe, podem ter diferentes resultados educacionais e de renda por serem identificados racialmente diferentes.

Nesse caso, torna-se importante validar se os filhos identificados com raças diferentes sendo da mesma família, e portanto, podendo supor que possuem mesma carga genética, educação e que têm acesso aos mesmos recursos familiares, os resultados educacionais e no mercado de trabalho diferentes, mesmo com controles familiares, denotam aspectos de desigualdades entre e intrafamiliares. Avaliar, portanto, efeitos de variáveis sociais, econômicas e fenotípicas sobre o contexto racial ajuda a entender as complexidades envolvidas nos eventos de heteroclassificações raciais entre irmãos.

3. Dados e estatísticas descritivas

3.1. Os dados

Os dados do presente trabalho são extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua de 2019, realizada e promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que busca avaliar a situação socioeconômica do Brasil. A Pesquisa tem como objetivo observar e apurar as principais características de domicílios do país, a partir de uma amostra de domicílios que dá dimensão a alguns indicadores relacionados principalmente à educação, trabalho, saúde e outras características populacionais. Como o próprio IBGE qualifica, “[...] a PNAD constituiu um importante instrumento para formulação, validação e avaliação de políticas orientadas para o desenvolvimento socioeconômico da população e a melhoria das condições de vida no País.”(IBGE, s.d.).

Partindo dessa perspectiva e tendo como base o artigo de A. Francis-Tan (2016), que analisa o fenômeno de diferenças de classificação racial entre irmãos utilizando dados do Censo de 2010, o presente trabalho busca atualizar essas análises. Para tanto, este estudo utiliza dados da pesquisa anual, partindo da 5ª visita de 2019 da PNAD contínua, que conta com parte direcionada ao trabalho das crianças e dos adolescentes de 5 a 17 anos de idade, características gerais dos moradores, outras formas de trabalho e rendimentos de outras fontes.

Dessa maneira, partindo desses dados, o trabalho busca entender e aprofundar os estudos no fenômeno explorado por Francis-Tan (2016) relacionados à heterogeneidade racial de irmãos de um mesmo domicílio. Nesse sentido, entender os principais preditores partindo de características gerais dos indivíduos e características familiares como controles, torna rica a análise que dimensiona os fatores entre e intradomiciliares.

3.1.1. Amostra por segmentações por faixas de idade

Como forma de estudar a heterogeneidade racial entre irmãos de um mesmo domicílio, o estudo nesse sentido focaliza na identificação de irmãos de pais e mães que ainda residem no domicílio, todos identificados como brancos, pretos ou pardos. As três raças foram mantidas na análise pelas lacunas socioeconômicas existentes em se tratando do comparativo entre brancos e negros, considerando, inclusive a multiracialidade como fator

essencial para entendimento da questão de identificação racial (WOOD & CARVALHO, 1988).

Para tornar a base de estudo no enfoque citado, a exclusão de amarelos e indígenas das análises ocorre tanto pelo pequeno volume total quanto significância estatística dessas raças, considerando que representam menos de 1% do total de observações. Nesse sentido, para o total das observações da quinta vista de 2019 da PNAD, apenas 0,49% dos indivíduos foram identificados como amarelos e apenas 0,42% foi identificado como indígena.

Ademais, como fator delimitante da base de irmãos considerada para o estudo, levando em conta as especificações da PNAD quanto ao parentesco, foram considerados apenas filhos dos mesmos pais e residentes do mesmo domicílio. Desse modo, as análises excluem pessoas que vivem com apenas um dos pais, ou mesmo indivíduos que residam sozinhos nas faixas etárias que o estudo foca.

Dessa forma, como uma maneira de entender os diferentes efeitos nos domicílios com dois ou mais irmãos, foram construídas três diferentes segmentações baseadas em faixas de idade. Assim, busca-se entender se há uma maior influência das características dos pais e composições familiares na classificação racial dos filhos de maneira a controlar essas variáveis de características familiares sobre o efeito de raças diferentes. Desse modo, efetivamente, compreende-se de que modo o evento de raças diferentes influem em cada faixa de idade, seja nos irmãos entre 5 e 13, quando das variações de variáveis educacionais, até o na segmentação de 20 a 25 no estudo das diferenças dos resultados do mercado de trabalho.

Nesse sentido, como resume a tabela 1, que especifica a quantidade de domicílios considerando as segmentações por idade, existem cerca de 41 mil domicílios entre 5 e 13 anos, sendo que dessa base, 40,46% são irmãos que residem em um mesmo domicílio. O dado principal é a ocorrência de domicílios com 2 ou mais irmãos que são identificados com raças diferentes. Para a segmentação de 5 a 13 anos, o evento ocorre em 17,8% do total de domicílios com 2 ou mais irmãos.

Observando a segmentação de 14 a 19 anos, a parcela de domicílios com irmãos identificados com raças diferentes é a mais expressiva, alcançando cerca de 19%. O total de observações nesse caso é de 33.451, sendo destes, cerca de 12.300 observações de domicílios com 2 ou mais irmãos.

Já para o caso da segmentação de idade entre 20 e 25 anos, o total de observações foi 31.596, sendo que destes domicílios mais de 7.600 apresentaram pelo menos 2 irmãos e como segmentação intermediária do fenômeno de classificação racial distinta entre irmãos, é notada a ocorrência em 1.390 domicílios representando 18,15% dos domicílios com 2 ou mais irmãos.

Tabela 1: Quantidade de domicílios por segmentações de idade e ocorrência da diferença racial entre irmãos do mesmo domicílio

	5 a 13 anos		14 a 19 anos		20 a 25 anos	
	Absoluto	% relativa	Absoluto	% relativa	Absoluto	% relativa
Total de observações	41.402	100,00%	33.451	100,00%	31.597	100,00%
2 ou mais irmãos	16.875	40,76%	12.298	36,76%	7.660	24,24%
2 ou mais irmãos com raças diferentes	3.004	17,80%	2.348	19,09%	1.390	18,15%

Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

De maneira lógica, essas ocorrências do evento de classificação racial distinta entre irmãos também ocorre nas observações gerais por indivíduos, complementar às famílias. Nota-se, conforme resume a tabela 2, explicitando a quantidade de indivíduos observados também segmentadas por idade, um aumento em todas as segmentações de idade da diferença racial entre irmãos, sendo ainda mais expressiva na base de 14 a 19 anos que apresenta quase 20%, sendo correspondente a 2.712 indivíduos.

**Tabela 2
Quantidade de indivíduos por segmentações de idade e ocorrência da diferença racial entre irmãos do mesmo domicílio**

	5 a 13 anos		14 a 19 anos		20 a 25 anos	
	Absoluto	% relativa	Absoluto	% relativa	Absoluto	% relativa
Total de observações	55.294	100,00%	34.598	100,00%	38.265	100,00%

2 ou mais irmãos	25.131	45,45%	13.632	39,40%	10.216	26,70%
2 ou mais irmãos com raça diferente	4.702	18,71%	2.712	19,89%	1.890	18,50%

Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

3.1.2. Variáveis relacionadas à raça

Como foco do estudo, a variável de raça torna-se central para entender as dimensões da identificação racial distinta entre irmãos de um domicílio. Nesse sentido, como forma de identificação na PNAD, o IBGE metrifica “cor ou raça” a partir de uma pergunta com múltipla escolha que se classifica como: branco, pardo, preto, amarelo e indígena, sendo esta pergunta a antecedente às demais perguntas relacionadas ao mercado de trabalho e à educação.

Retorna, portanto, quando olha-se para os resultados gerais da pesquisa, toda a discussão envolta na autoidentificação e na ideia de endogeneidade racial que alguns autores se debruçam (FRANCIS & TANNURI-PIANTO, 2013; MITCHELL-WALTHOUR & DARITY, 2014; TELLES & SUE, 2009). Isso ainda influi na dimensão do entendimento e formação das raças, que dimensionam as variáveis socioeconômicas dentro da discussão como essenciais para pesquisas como a PNAD.

Para fins de análises mais descritivas, inclusive do entendimento do fenômeno de classificação racial que o estudo focaliza, foi criada uma variável binária de identificação de domicílios com filhos de raças diferentes. Inicialmente, a variável que atribui 1 sempre que há filhos de raças diferentes e 0 quando não há, funcionou como variável intermediária para algumas regressões de predição das características familiares.

Ademais, como forma de aprofundar a análise, a variável independente “mais escuro”, que identifica os irmãos de um domicílio que são identificados no aspecto fenotípico leva em conta as três raças do enfoque da pesquisa e que permaneceram na base de estudo: branco, pardo e preto. Dessa maneira, também como variável binária, o irmão com raça mais escura receberia um – sendo considerado como ordenação de raça do mais escuro ao mais claro: i) preto, ii) pardo e iii) branco – e caso contrário, receberia zero.

3.1.3. Variáveis de mercado de trabalho e educação

Nesse sentido, tendo entendido as variáveis de raça como sumárias para as análises, isso porque é importante compreender de que modo as características como a renda, educação e raça dos pais ou outros fatores familiares afetam a classificação racial dos filhos. Desse modo, como controles importantes para o evento de heterogeneidade racial entre irmãos, os resultados educacionais e de mercado de trabalho diferentes entre filhos de mesma mãe e pai apresentam pontos relevantes para a caracterização das distinções intrafamiliares, na medida em que pode-se observar esses resultados como fruto das desigualdades estruturais, justamente por serem identificados com raças diferentes.

A partir disso, com maior enfoque nas variáveis educacionais as segmentações por faixas de idade de 5 a 13 anos bem como de 14 a 19 anos ajudam a figurar as diferenças nos níveis educacionais entre irmãos, tendo como variáveis de controle características familiares, bem como outros fatores relacionados às oportunidades. Para além e de maneira complementar, em se tratando da segmentação de 20 a 25 anos, as variáveis relacionadas ao mercado de trabalho expressam de maneira análoga os resultados distintos motivados pela distinção racial intrafamiliar.

3.1.4. Construção de variáveis e especificações

Para dar suporte ao estudo, as variáveis abaixo foram criadas, sendo explicitados tanto os formatos das variáveis quanto as respectivas especificações, sendo elas:

Mulher é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja mulher e 0 caso seja homem.

Branco é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja identificado racialmente como pessoa de raça branca e 0 caso não seja identificado racialmente como pessoa de raça branca.

Preto é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja identificado racialmente como pessoa de raça preta e 0 caso não seja identificado racialmente como pessoa de raça preta.

*Amarelo*¹ é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja identificado racialmente como pessoa de raça amarela e 0 caso não seja identificado racialmente como pessoa de raça amarela

Pardo é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja identificado racialmente como pessoa de parda amarela e 0 caso não seja identificado racialmente como pessoa de raça parda.

*Indígena*² é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja identificado racialmente como pessoa de parda indígena e 0 caso não seja identificado racialmente como pessoa de raça indígena.

Urbano é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo seja residente de uma região urbana e 0 caso seja residente de uma região rural.

Educ é uma variável discreta que representa os anos de estudo tendo como mínimo 0 e máximo 16 anos.

Analfabeto é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo não tenha nenhum nível educacional e 0 caso contrário.

fund_incomp é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo apresente como nível educacional “Ensino Fundamental incompleto” e 0 caso contrário.

fund_complet é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo apresente como nível educacional “Ensino Fundamental completo” e 0 caso contrário.

med_complet é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo apresente como nível educacional “Ensino Médio completo” e 0 caso contrário.

¹ Conforme explicitado, a variável não foi utilizada nas análises por volume e significância nas análises do estudo, representando 0,49% da base total.

² Conforme explicitado, a variável não foi utilizada nas análises por volume e significância nas análises do estudo, representando 0,47% da base total.

sup_complet é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo apresente como nível educacional “Ensino Superior completo” e 0 caso contrário.

Pos_grad é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo apresente como nível educacional “pós graduação” e 0 caso contrário.

Freqesc é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja matriculado em alguma instituição de ensino e 0 caso contrário.

instpriv é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja matriculado em alguma instituição privada de ensino e 0 caso contrário

Fortrab é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja na força de trabalho e 0 caso contrário

Desempregado é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja desempregado e 0 caso contrário

Log_salario é uma variável que representa o logaritmo dos rendimentos do trabalho principal

decil_salario é uma variável discreta que representa decil dos rendimentos do trabalho principal

Emp_inf é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja em um emprego informal caracterizado pela não assinatura da carteira de trabalho e 0 caso contrário

Ocup_qual é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo esteja empregado em uma ocupação qualificada³ e 0 caso contrário

Norte é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo more na região Norte do Brasil e 0 caso contrário.

Nordeste é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo more na região Nordeste do Brasil e 0 caso contrário.

³ A determinação da ocupação qualificada é baseada em um sistema de classificação ocupacional do IBGE, conhecido como “Composição dos Grupamentos Ocupacionais (COD)”. As composições consideradas como ocupações qualificadas são gerentes, diretores, e Profissionais das ciências e intelectuais

Sudeste é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo more na região Sudeste do Brasil e 0 caso contrário.

Sul é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo more na região Sul do Brasil e 0 caso contrário.

Centroeste é uma variável dummy que assume valor igual a 1 caso o indivíduo da base de estudo more na região Centro-Oeste do Brasil e 0 caso contrário.

De maneira complementar, derivando as variáveis observadas acima, fez-se necessário um estudo de variáveis também correspondentes às características familiares, considerando composições familiares bem como as características de educação e retorno de mercado envoltos nesses grupos de análise.

Em princípio foram consideradas variáveis de composição familiar de irmãos, que se dividiram em:

masc1_fem1 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com um filho do sexo masculino e uma filha do sexo feminino

masc2_fem0 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com dois filhos do sexo masculino e nenhuma filha do sexo feminino

masc0_fem2 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com dois filhos do sexo feminino e nenhum filho do sexo masculino

masc0_fem3 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com três filhos do sexo feminino e nenhum filho do sexo masculino

masc3_fem0 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com três filhos do sexo masculino e nenhum filho do sexo feminino

masc2_fem1 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com dois filhos do sexo masculino e um filho do sexo feminino

masc1_fem2 é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios que contam exatamente com um filhos do sexo masculino e dois filhos do sexo feminino

mais_4_filhos é uma variável dummy que assume valor igual a 1 para o caso de domicílios com 4 ou mais irmãos

Como forma de incluir a composição racial dos pais, foram estabelecidas *dummies* que combinam as três possibilidades de raças entre pai e mãe do domicílio, de modo que assumem 1 para o caso afirmativo e 0 para casos contrários. Portanto, foram estabelecidas 6 variáveis de composição racial dos pais, sem diferenciar, nesse caso, a raça de cada pai, sendo as variáveis: i) Ambos brancos; ii) ambos pretos; iii) Ambos pardos; iv) um branco e um pardo; v) um branco e um preto e vi) Um preto e um pardo.

Além disso, como forma de introduzir a educação dos pais a fim de entender os efeitos na diferenciação racial dos irmãos, também foram construídas *dummies* que levam em conta a composição educacional dos pais do domicílio. Para considerar os níveis educacionais simplificados, as variáveis de nível educacional foram agrupadas em três categorias: baixa, média e alta.

Para os casos de educação baixa, foram considerados os níveis educacionais até o Ensino Fundamental completo, ou seja, referencialmente pessoas analfabetos, ou com Ensino Fundamental incompleto e Ensino Fundamental completo. Para o caso de educação média, foi considerado os indivíduos da base com Ensino Médio completo. Por fim, para o caso de educação alta foi considerado pessoas com pelo menos o nível superior completo.

Desse modo, as *dummies* novamente assumem 1 para o caso afirmativo e 0 para casos contrários, sendo estabelecidos os níveis explicitados e diferenciando-os para os pais e para as mães. A partir dessa determinação, foram criadas 9 variáveis que identificam essas composições educacionais, sendo elas: i) educação do pai baixa e educação da mãe baixa; ii) educação do pai baixa e educação da mãe média; iii) educação do pai baixa e educação da mãe alta; iv) educação do pai média e educação da mãe baixa; v) educação do pai média e educação da mãe média; vi) educação do pai média e educação da mãe alta; vii) educação

do pai alta e educação da mãe baixa; viii) educação do pai alta e educação da mãe média e ix) educação do pai alta e educação da mãe alta.

Por fim, com relação aos pais do domicílio, estudando a variável de rendimento do mercado, foram criadas dummies que identificam os decis de renda dos pais do domicílio. Portanto, considerando os dez decis, foram criadas 10 dummies que atribuem 1 se a soma dos rendimentos⁴ dos pais do domicílio estiver no decil em questão, sendo o decil 1 o mais baixo e o décimo decil o mais alto em termos de rendimento.

Conforme já explicitado anteriormente, as variáveis derivadas de raça são essenciais para o estudo para entender os efeitos entre e intradomiciliares. Tanto a variável binária que identifica se em um domicílio há filhos de raças diferentes, quanto a variável dummy que atribui 1 para os irmãos de raças mais escuras em domicílios que apresentam filhos de raças diferentes e 0 caso contrário.

3.2. Estatísticas descritivas

De maneira a expressar de forma mais detalhada as informações do estudo, as estatísticas descritivas aprofundam as caracterizações da base de pesquisa. Nesse sentido, desde informações de caracterizações gerais como raça, gênero e idade média da base até informações de renda e educação são trazidas nas sintetizações que seguem, a partir da tabela 3, que relata a frequência total dos dados com relação à composição total da base, bem como a média dos valores..

Tabela 3:
Características gerais da base de dados total considerando as segmentações por idade

Variável	5 a 13 anos		14 a 19 anos		20 a 25 anos	
	Frequência dos dados totais (%)	Média	Frequência dos dados totais (%)	Média	Frequência dos dados totais (%)	Média
Sexo						
<i>Mulher</i>	48,9%	0,489	52,4%	1,524	49,4%	1,494
<i>Homem</i>	51,1%	0,511	47,6%	1,476	50,6%	1,506
Idade (anos)	100,0%	9,1316	100,0%	17,022	100,0%	22,474

⁴ Considera Rendimento recebido em reais em todas as fontes, ou seja, o habitual de todos os trabalhos e efetivo de outras fontes

Raça						
<i>Branco</i>	34,4%	0,344	33,0%	0,330	34,8%	0,348
<i>Preto</i>	6,4%	0,064	8,1%	0,081	8,7%	0,087
<i>Amarelo</i>	0,3%	0,003	0,4%	0,004	0,4%	0,004
<i>Pardo</i>	58,3%	0,583	58,0%	0,580	55,5%	0,555
<i>Indígena</i>	0,5%	0,005	0,5%	0,005	0,5%	0,005
Urbanidade						
<i>Urbano</i>	68,4%	0,684	69,7%	0,697	74,8%	0,748
<i>Rural</i>	31,6%	0,316	30,3%	0,697	25,2%	0,252
Região						
<i>Norte</i>	16,9%	0,169	16,3%	0,163	15,6%	0,156
<i>Nordeste</i>	37,2%	0,372	37,1%	0,371	34,7%	0,347
<i>Centro-oeste</i>	9,6%	0,961	9,2%	0,923	9,8%	0,982
<i>Sudeste</i>	22,3%	0,223	23,0%	0,230	24,7%	0,247
<i>Sul</i>	14,0%	0,140	14,3%	0,143	15,2%	0,152
Nível Educacional						
<i>Analfabeto</i>	22,7%	0,227	0,8%	0,801	1,0%	0,956
<i>Fundamental incompleto</i>	77,2%	0,772	22,9%	0,229	13,1%	0,131
<i>Fundamental completo</i>	0,1%	0,001	52,5%	0,525	18,7%	0,187
<i>Ensino Médio completo</i>	0,0%	0,000	23,7%	0,237	59,3%	0,593
<i>Ensino superior completo</i>	0,0%	0,000	0,0%	0,376	5,9%	0,587
<i>Pós graduação</i>	0,0%	0,000	0,0%	0,000	0,4%	0,450
Matriculado na escola	98,9%	0,989	70,5%	0,705	24,3%	0,243
Instituição particular	15,7%	0,157	10,2%	0,102	13,6%	0,136
Educação (anos)	100,0%	2,990	100,0%	9,684	100,0%	11,425
Participação na força de trabalho	0,9%	0,009	34,3%	0,343	70,8%	0,708
Desempregado	-	-	35,3%	0,647	21,58%	0,784
Salário⁵	-	-	100%	153,89	100%	713,10

⁵ Considera Rendimento recebido em reais em todas as fontes, ou seja, o habitual de todos os trabalhos e efetivo de outras fontes

Emprego informal	-	-	8,46%	4096	15,23%	5633
Ocupação qualificada	-	-	0,5%	0,005	4,1%	0,041

Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Conforme explicitado anteriormente, a base total do estudo soma 128.157 observações ou indivíduos, sendo que as segmentações entre 5 a 13 anos representa 46,13% do total, de 14 a 19 anos representa cerca de 27% e entre 20 a 25 anos representam 29,86%. Nessas segmentações, as mulheres retratam respectivamente, 48,9%, 52,4% e 49,4%.

Com relação à composição racial, os pardos são a maioria entre todas as segmentações de idade, representando algo entre 55,5% entre as idades mais avançadas das faixas e 58,3% entre os mais jovens – de 5 a 13 anos. A segunda raça mais representativa da base é a branca, chegando a corresponder cerca de 34,8% na segmentação de idade entre 20 e 25 anos. Por fim, como menos representativo entre as raças consideradas na análise, os pretos representam em média 7,7%, sendo ainda menos representativos entre os indivíduos na faixa 5 e 13 anos (6,4%).

Adicionalmente na base geral, com as faixas de idade é possível notar uma maior parcela urbana com o avanço das idades, de maneira que entre os mais jovens, a porcentagem – entre 5 e 13 anos – 68,4% reside em uma região urbana. Por outro lado, na segmentação com idades mais avançadas – entre 20 e 25 anos – 74,8% dos indivíduos são residentes de região urbana.

De maneira complementar, o comportamento das variáveis educacionais e do mercado de trabalho variam de acordo com as faixas de idade que o estudo propõe. Pela perspectiva da educação, de maneira esperada há uma maior concentração em níveis educacionais iniciais para a faixa entre 5 e 13 anos, representando mais de 99% com até o ensino fundamental incompleto. Para o caso da faixa de 14 a 19 há uma distribuição entre os níveis intermediários, sendo o ensino fundamental completo com maior representatividade, concentrando 52,5% das observações. Dessa base de análise, 6,3% de todos os indivíduos, sem considerar a segmentação das faixas de idade, já concluíram pelo menos o ensino superior.

Para fins de análise da base de estudo, ao considerar apenas famílias com mais de dois irmãos em um mesmo domicílio, a tabela 4 resume que as mesas segmentações de idade apresentam comportamento semelhante para as variáveis, com algumas variações moderadas de maneira comparativa com a base completa. Com destaque, na base que considera os domicílios com 2 ou mais irmãos há uma diferença de cerca de 3 pontos percentuais nas pessoas classificadas como pardas na faixa de idade entre 20 e 25 anos.

Além disso, há uma diferença expressiva em se tratando da urbanidade das bases. No caso da tabela 4 há uma diferença de 7 pontos percentuais referente a indivíduos entre 5 e 13 anos que residem em região rural. Essa diferença é ainda mais notável na segmentação de 14 a 19 anos, em que 69,7% pessoas vivem em área urbana na base geral, enquanto na base de irmãos essa parcela representa apenas 61,7%, demonstrando, portanto, um menor grau de urbanidade relacionado à condição de terem irmãos no domicílio.

Tabela 4: Características gerais da base de dados em domicílios com 2 ou mais irmãos considerando as segmentações por idade

Variável	5 a 13 anos		14 a 19 anos		20 a 25 anos	
	Frequência dos dados totais (%)	Média	Frequência dos dados totais (%)	Média	Frequência dos dados totais (%)	Média
Sexo						
<i>Mulher</i>	48,9%	0,489	46,2%	1,462	48,5%	0,485
<i>Homem</i>	51,1%	0,511	53,8%	1,538	51,5%	0,515
Idade (anos)	100,0%	9.1465	100,0%	16,906	100,0%	22,260
Raça						
<i>Branco</i>	34,6%	0,346	32,7%	0,327	33,4%	0,334
<i>Preto</i>	5,3%	0,053	7,0%	0,070	7,3%	0,073
<i>Amarelo</i>	0,4%	0,004	0,3%	0,003	0,5%	0,005
<i>Pardo</i>	59,0%	0,590	59,4%	0,594	58,1%	0,581
<i>Indígena</i>	0,7%	0,007	0,6%	0,006	0,6%	0,006
Urbanidade						
<i>Urbano</i>	61,4%	0,614	61,3%	0,613	67,7%	0,677
<i>Rural</i>	38,6%	0,386	38,7%	0,387	32,3%	0,323
Região						
<i>Norte</i>	17,8%	0,178	17,4%	0,174	18,2%	0,182
<i>Nordeste</i>	37,0%	0,370	37,6%	0,376	35,8%	0,358

<i>Centro-oeste</i>	9,5%	0,095	8,9%	0,886	8,6%	0,856
<i>Sudeste</i>	21,7%	0,217	22,6%	0,226	23,5%	0,240
<i>Sul</i>	14,1%	0,141	13,5%	0,135	13,4%	0,134
Nível Educacional						
<i>Sem educação</i>	21,7%	0,217	0,8%	0,844	1,1%	0,114
<i>Fundamental incompleto</i>	78,2%	0,782	21,3%	0,213	13,7%	0,137
<i>Fundamental completo</i>	0,1%	0,001	54,3%	0,543	17,7%	0,177
<i>Ensino Médio completo</i>	0,0%	0	23,5%	0,235	59,9%	0,599
<i>Ensino superior completo</i>	0,0%	0	0,0%	0,220	5,6%	0,561
<i>Pós graduação</i>	0,0%	0	0,0%	0,000	0,1%	0,440
Matriculado na escola	99,0%	0,990	74,3%	0,743	27,2%	0,272
Instituição particular	15,5%	0,155	10,4%	0,104	15,1%	0,151
Educação (anos)	100,0%	3,016	100,0%	9,729	100,0%	11,411
Participação na força de trabalho	1,0%	1,0%	31,9%	0,319	65,0%	0,650
Desempregado	-	-	32,7%	0,674	23,55%	0,236
Salário	-	-	100%	114,70	100%	592,94
Emprego informal	-	-	6,15%	1025	12,67%	126,5
Ocupação qualificada	-	-	0,5%	0,005	4,1%	0,041

Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

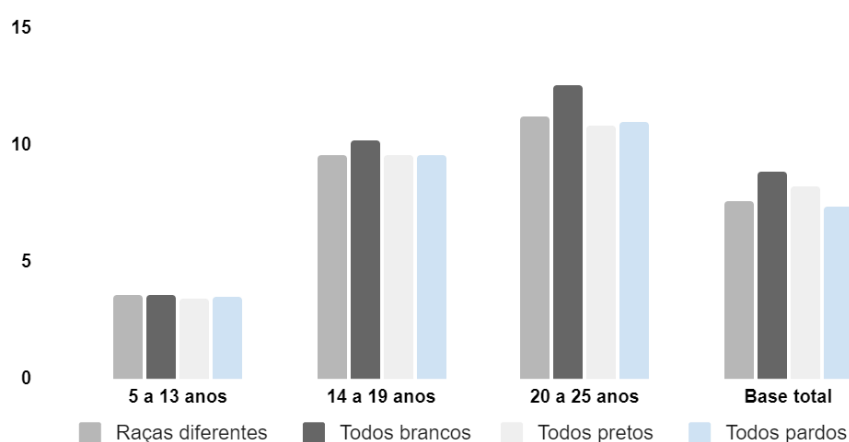
A partir das caracterizações gerais do universo de estudo, a inclusão do fenômeno de diferencial de raça entre irmãos afetada pela renda, raça e educação dos pais, ajuda a entender ainda mais profundamente como essas características educacionais e de rendimentos de filhos de raças diferentes se comportam. Nesse sentido, comparar as características de interesse entre bases que levam em conta irmãos de mesma raça, considerando, inclusive, os grupos de raças entre si, ou seja, irmãos apenas brancos, pretos e pardos e de raças diferentes

corroboram para entender as características que podem se relacionar ao fenômeno que a pesquisa se concentra, além de transmitir informações específicas sobre desigualdades estruturalmente raciais.

3.2.1. Educação

Dando enfoque ao prisma educacional na análise, olhando especialmente para os anos de estudo dos indivíduos observados, de maneira comparativa nota-se uma ligeira diferença entre domicílios que contam com filhos de mesma raça e filhos de raças diferentes. Essa análise é expressa no gráfico 1 que compara a educação média (em anos) em domicílios com filhos de mesma raça e agrupados por raças – brancos, pretos e pardos – e filhos de raças diferentes.

Gráfico 1: Educação média (em anos) em domicílios com filhos de mesmas raças agrupados por raça e filhos de raças diferentes



Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Considerando a base geral, que leva em conta todos os domicílios com filhos menores de 25 anos, o diferencial de educação entre filhos de raças diferentes e filhos de mesma raça – especialmente todos irmãos identificados como brancos – é de cerca de 1,2 anos de estudo médio dos filhos daquele domicílio.

Quando comparado aos domicílios em que os irmãos são todos pretos ou pardos, a diferença é menor e menos consistente, ou seja, há uma maior proximidade das médias de anos de estudos em domicílios cujos filhos são identificados racialmente distintos entre si e domicílios com filhos pretos e pardos. Isso evidencia uma disparidade educacional expressiva comparando os grupos de irmãos de raças diferentes e irmãos apenas brancos.

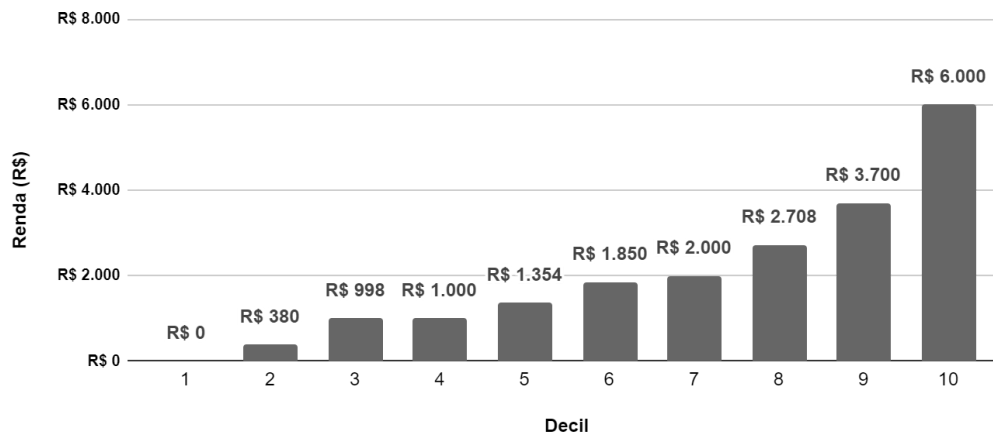
Ainda, levando em consideração as segmentações por faixas de idade, a única faixa em que a educação média dos filhos de raças diferentes nos domicílios mostra-se equalizada à educação média de filhos de raças apenas branca é entre 5 e 13 anos. A diferença, em contrapartida, entre os grupos de irmãos de raças diferentes e irmãos apenas brancos aumenta junto às idades, alcançando uma diferença de aproximadamente 1,4 anos de diferença entre os grupos na segmentação de 20 a 25 anos.

Ao olhar apenas internamente ao grupo de filhos com raças diferentes, ainda é possível notar uma ligeira desvantagem do grupo de irmãos pretos e pardos com relação aos brancos, uma vez que a média de anos de educação entre filhos pretos e pardos é 11,1 anos enquanto a média entre os irmãos brancos é de aproximadamente 11,6 anos.

3.2.2. Rendimentos e mercado de trabalho

Pela perspectiva das variáveis voltadas para o mercado de trabalho e bem como das variáveis de renda, a diferença entre os grupos domiciliares que apresentam ou não filhos identificados com raças diferentes tornam-se um pouco mais expressivas. Inicialmente para estudar essas nuances, o estudo dos rendimentos categorizados em decis demonstrou que no menor decil estão as pessoas que não recebem nenhuma renda proveniente de todas as formas de renda, e no maior decil estão os indivíduos que recebem a partir de R\$6.000, conforme expõe o gráfico 2.

Gráfico 2: Valores dos decis de renda (R\$)



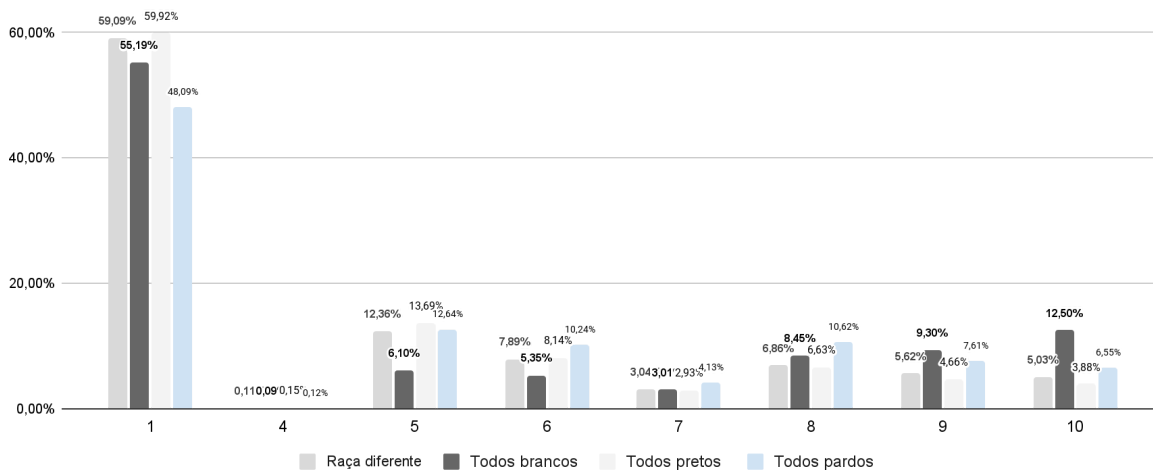
Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Essa caracterização é importante para expressar que a distribuição nos decis de renda entre domicílios que apresentam e os que não apresentam o evento de irmãos com raças diferentes, comporta-se ligeiramente diferente. Conforme demonstra o gráfico 3, a distribuição entre domicílios com irmãos de raças diferentes concentra uma maior parcela dos residentes deste domicílio em decis menores de renda, de modo que o somatório acumulado dos 5 primeiros decis representam 71,56%.

Em contrapartida, em domicílios com filhos que são identificados com a mesma raça, os 5 primeiros decis representam cerca de 10 pontos percentuais a menos comparado ao grupo de irmãos de mesmo pai e mãe quando identificados todos como brancos. Isso demonstra, portanto, uma relativa distinção de renda entre arranjos familiares diferentes ao colocar a renda como influente na identificação racial familiar.

Gráfico 3: Decis de renda comparando famílias com irmãos de raças iguais e raças diferentes⁶

⁶ O gráfico 3 considera o comparativo entre o grupo de análise, que leva em conta domicílios com filhos de raças diferentes, e os domicílios com filhos de raças iguais segmentados por grupo racial do enfoque da pesquisa, ou seja, famílias em que todos os irmãos são pretos, todos pardos ou todos brancos. .



Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

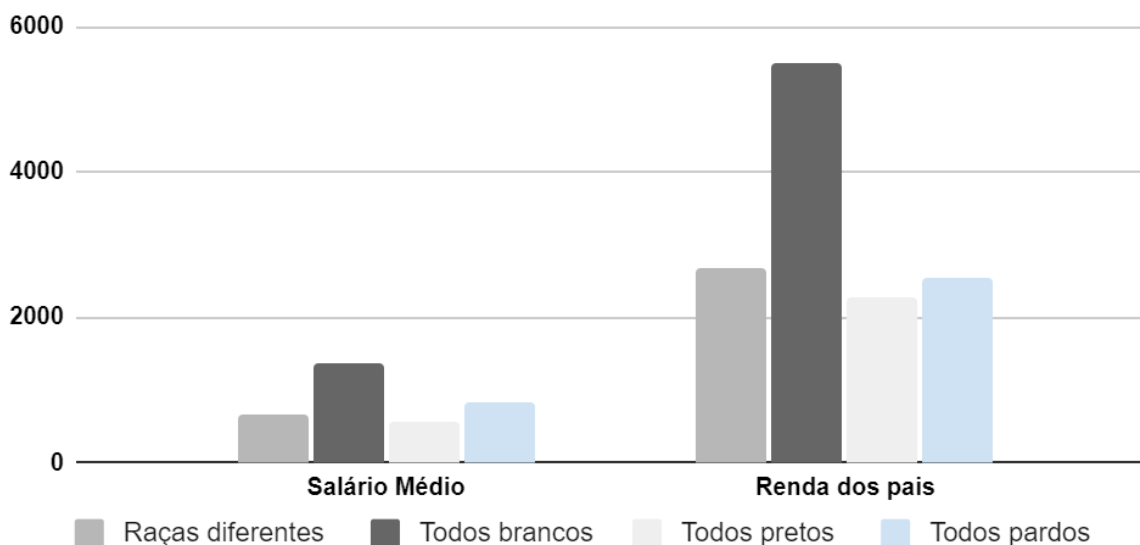
Ainda sob o prisma dos rendimentos, ao estudar os salários médios bem como a renda dos pais, o comportamento mostra-se semelhante e importante na análise de como essas variáveis podem influenciar no evento de distinção racial entre irmãos. Nesse sentido, levando em conta a mesma segmentação de domicílios que apresentam ou não filhos identificados com raças diferentes, os resultados reiteram a ideia de diferença de renda entre os grupos.

O gráfico 4 resume, assim, essa análise ao identificar que tanto renda dos pais quanto o salário médio de todos residentes de um domicílio com filhos identificados com raças distintas, tipicamente são menores comparadas entre os agrupamentos de irmãos de mesma raça. Desse modo, o salário médio em domicílios em que todos os filhos são identificados como brancos foi de R\$1.355,11, enquanto para os domicílios com raças diferentes foi de R\$ 652,47, uma diferença bastante expressiva ao comparar os grupos. Os valores do grupo de irmãos pretos e pardos em um domicílio também se aproximam das métricas de filhos de raças diferentes.

Ademais, se comparar a renda dos pais em que os filhos são todos branco com a renda dos pais em que os filhos são classificados de maneira distinta entre si, essa diferença é de cerca de R\$2.820,00, ou seja, a renda mais baixa dos pais pode estar negativamente relacionada ao evento de distinção racial entre os irmãos de mesmo pai e mãe, apesar disso, é importante validar essas proposições descritivas a partir dos modelos desenvolvidos para entender a significância.

Ao comparar ainda, os filhos racialmente distintos entre si, a média salarial entre eles também difere em certa medida. A média para o grupo de indivíduos brancos é maior em cerca de 9%, comparado ao grupo de irmãos pretos do domicílio. Isso reforça, portanto, a visão de desigualdades intrafamiliares motivadas pela raça.

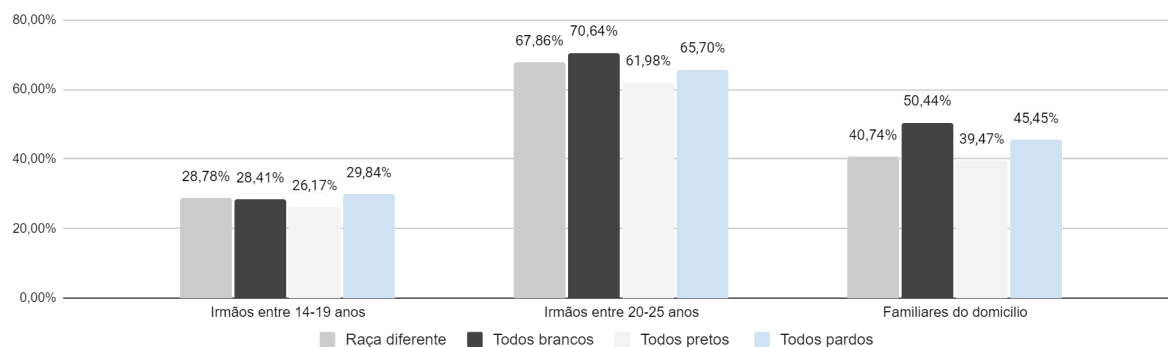
Gráfico 4: Salário médio e renda dos pais em domicílios com filhos de mesma raça vs filhos de raças diferentes (R\$)



Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

De maneira complementar às variáveis de renda, a participação na força de trabalho também evidencia essas diferenças entre grupos familiares de uma maneira sutil. Ao comparar segmentando por idades e considerando o grupo geral de análise nota-se, conforme expõe o gráfico 5, que há uma maior participação na força de trabalho nos indivíduos dos domicílios em que os irmãos são identificados com a mesma raça quando comparado ao grupo de irmãos identificados apenas como brancos. A diferença é negativa, entretanto, apenas ao comparar os grupos de irmãos com raças distintas e os agrupamentos em que todos são pretos ou pardos.

Gráfico 5: Participação na força de trabalho segmentada por domicílios com filhos de mesma raça e filhos de raças diferentes



Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Esse padrão ocorre tanto na segmentação entre 20 e 25 anos, como na base total de familiares, com consideráveis diferenças em se tratando dos grupos analisados. Entretanto, ao analisar a base entre 14 e 19 anos, nota-se um comportamento distinto, em que os irmãos entre 14 e 19 anos com raças diferentes estão mais presentes na força de trabalho, comparativamente. Isso pode, portanto, ser uma evidência do que se analisará a partir das regressões relacionadas à composição familiar racial como fator de inclusão de pessoas mais jovens no mercado de trabalho.

3.2.3. Características e composições familiares em domicílios com 2 ou mais irmãos

Além de toda a análise a nível individual dos dados estudados, a caracterização desses indivíduos a partir de perspectivas familiares complementares – que ajudam a entender diferentes composições em se tratando de domicílios – torna-se importante para entender de que modo essas características influem na identificação racial dos filhos. Nesse sentido, a tabela 5 resume as diferentes composições familiares levando em conta as caracterizações de pais e filhos de domicílios com 2 ou mais irmãos. Além disso, expõe a frequência dos dados em que há a ocorrência do evento de estudo: a distinção racial entre irmãos de um mesmo domicílio.

Tabela 5: Incidência da classificação racial distinta entre irmãos de mesmos pai e mãe em domicílios com 2 ou mais filhos por faixas de idade

Variável	5 a 13 anos	14 a 19 anos	20 a 25 anos

	Dados totais (n° de observações)	Frequência dos dados totais (%)	Dados totais (n° de observações)	Frequência dos dados totais (%)	Dados totais (n° de observações)	Frequência dos dados totais (%)
Composição de irmãos						
<i>1 homem e 1 mulher</i>	1.056	14,4%	610	15,9%	505	15,1%
<i>2 homens e 0 mulheres</i>	572	15,0%	325	15,5%	322	16,7%
<i>0 homens e 2 mulheres</i>	569	16,6%	280	17,8%	246	18,0%
<i>3 homens e 0 mulheres</i>	204	20,4%	136	23,0%	79	20,4%
<i>2 homens e 1 mulher</i>	471	20,0%	273	19,1%	167	17,8%
<i>1 homem e 2 mulheres</i>	427	19,7%	254	21,3%	138	18,6%
<i>0 homens e 3 mulheres</i>	141	17,0%	79	19,7%	42	17,7%
<i>4 ou mais irmãos</i>	1.262	30,2%	755	30,2%	391	32,4%
Composição racial dos pais						
<i>Ambos brancos</i>	244	4,6%	151	3,5%	104	4,6%
<i>Ambos pretos</i>	160	16,7%	86	10,1%	49	11,2%
<i>Ambos pardos</i>	1.486	12,6%	729	8,6%	538	11,5%
<i>Um branco e um pardo</i>	2.328	50,9%	1.144	32,3%	797	44,0%
<i>Um branco e um preto</i>	419	40,5%	210	26,6%	152	31,9%
<i>Um preto e um pardo</i>	572	39,2%	328	30,1%	250	42,7%
Educação dos pais						
<i>Pai baixa e mãe baixa</i>	2.485	20,6%	1.606	15,3%	1.081	19,8%
<i>Pai baixa e mãe média</i>	648	19,3%	313	13,5%	183	16,3%
<i>Pai baixa e mãe alta</i>	92	17,8%	77	13,8%	59	20,4%
<i>Pai média e mãe baixa</i>	340	19,8%	171	13,3%	154	20,2%
<i>Pai média e mãe média</i>	661	16,6%	293	12,1%	226	17,3%
<i>Pai média e mãe alta</i>	168	15,0%	68	9,1%	67	16,0%
<i>Pai alta e mãe baixa</i>	24	20,2%	17	14,9%	11	18,0%
<i>Pai alta e mãe média</i>	91	13,2%	58	12,5%	42	13,7%
<i>Pai alta e mãe alta</i>	192	12,4%	87	9,4%	67	15,0%
Renda dos pais						

<i>Decil 1 - mais baixo</i>	409	18,9%	224	20,5%	170	17,9%
<i>Decil 2</i>	944	20,7%	563	22,6%	375	21,5%
<i>Decil 3</i>	77	20,8%	44	21,6%	26	14,1%
<i>Decil 4</i>	687	22,2%	371	22,9%	210	19,8%
<i>Decil 5</i>	636	20,4%	361	22,7%	243	20,7%
<i>Decil 6</i>	226	16,5%	153	17,6%	133	17,3%
<i>Decil 7</i>	519	19,3%	304	20,1%	196	19,0%
<i>Decil 8</i>	448	17,2%	264	17,7%	211	20,9%
<i>Decil 9</i>	404	15,5%	236	16,0%	177	16,2%
<i>Decil 10</i>	352	13,7%	192	14,9%	149	13,4%
Urbanidade						
<i>Urbano</i>	2.813	18,2%	1.614	19,3%	1.268	18,3%
<i>Rural</i>	1.889	19,5%	1.098	20,8%	622	18,9%
Região						
<i>Norte</i>	847	19,0%	460	19,3%	329	17,7%
<i>Nordeste</i>	2.095	22,5%	1.267	24,7%	804	22,0%
<i>Centro-oeste</i>	488	20,5%	269	22,3%	194	22,2%
<i>Sudeste</i>	956	17,6%	566	18,4%	455	18,9%
<i>Sul</i>	316	8,9%	150	8,2%	108	7,9%

Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

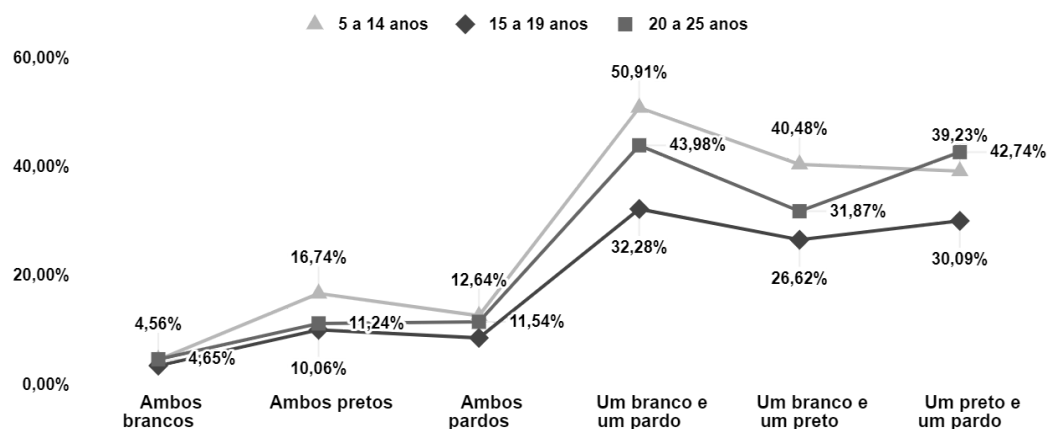
Inicialmente, ao observar os irmãos deste domicílio, o estudo da composição de gênero e quantidade de filhos é notório um comportamento da base de análise. Conforme há um aumento do número de filhos em um domicílio, maior a proporção de filhos caracterizados com raças diferentes. Nesse sentido, levando em conta as três segmentações de idade, em domicílios com 4 ou mais irmãos é expressivamente maior o percentual de irmãos classificados com raças diferentes. De maneira descritiva, o grupo com maior ocorrência do evento está na segmentação entre 20 e 25 anos, em que 32,4% dos domicílios com pelo menos 4 irmãos apresentam filhos com raças diferentes.

Apesar de moderadamente menores, as demais faixas de idade – tanto 5 a 13 anos, como 14 a 19 anos – também são expressivas em se tratando do diferencial racial entre

irmãos, apresentando 30,2% quando em domicílio com 4 ou mais irmãos. O acontecimento é consistente para os domicílios com 3 irmãos, em que nota-se a heterogeneidade racial entre irmãos, ocorrendo em média 19,3% na faixa etária entre 5 e 13 anos, 19,1% na faixa etária de 14 a 19 anos e 18,6% entre 20 e 25 anos. Os dados mais expressivos para esse grupo mostram-se em domicílios compostos por mais filhos homens, ou seja, nas composições de 3 irmãos homens e 2 irmãos homens e 1 mulher.

Ao considerar a composição racial dos pais, torna-se clara a influência dessa características dos pais para transmissão para os filhos. Nessa toada, é evidente que em domicílios com pais de raças diferentes há uma maior expressão de filhos também com raças diferentes. De maneira analítica, conforme sumarizado no gráfico 6 em domicílios com pais de mesma raça, a diferenciação racial entre os irmãos não chega a 15%.

Gráfico 6: Percentual de filhos de raças diferentes por composição racial dos pais (%)



Fontes: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Dentre as composições raciais dos pais e faixas de idade dos filhos, a heterogeneidade racial entre irmãos ocorre com maior frequência quando ambos os pais são identificados como pardos, ocorrendo em 12,6% na faixa de 5 a 13 anos, 8,6% entre 14 e 19 anos e 11,5% na faixa de 20 a 25 anos. Por outro lado, esses números aumentam quando os pais têm raças diferentes, chegando a 50,9% de filhos com raças diferentes na faixa etária de 5 a 13 anos quando um dos pais é pardo e o outro branco. Além dessa composição, quando um dos pais é preto e outro pardo, ocorre com maior frequência o evento de irmãos terem raças distintas,

sendo 39,2% para a faixa etária entre 5 e 13 anos, 30,1% para filhos entre 14 e 19 anos e expressivos 42,7% entre os filhos mais velhos.

Ainda considerando o histórico familiar e trazendo à análise a educação dos pais, nota-se que o menor grau de instrução de pelo menos um dos pais do domicílio também evidencia a maior ocorrência de diferenciação racial entre irmãos. Nas análises, nos grupos em que ambos os pais apresentam baixa instrução na faixa etária dos filhos entre 5 e 13 anos, ocorre que 20,6% são identificados com raças diferentes.

Além de notar o mesmo comportamento entre as demais faixas de idade, para a composição em que o pai apresenta nível educacional baixo e a mãe alta, ou pai com educação média e mãe baixa e seus inversos, a heterogeneidade racial entre irmãos é superior a 20% em pelo menos uma faixa de idade. Comparativamente, quando os níveis educacionais são maiores, essa ocorrência diminui, chegando a menos de 10%, como nos casos em que ambos possuem educação alta ou quando pelo menos um dos pais possui educação média e o outro alta.

Adicionalmente, a renda dos pais é analisada, de modo que em volume de observações, os decis de renda maiores apresentam uma maior incidência de irmãos identificados racialmente diferentes. Nesse sentido, até o quinto decil de renda dos pais, as ocorrências de heterogeneidade racial são superiores a 20%, alcançando 22,9% no quarto decil de renda dos pais para o grupo de filhos de 14 a 19 anos.

Apesar dessa análise descritiva, os resultados dos modelos são importantes para concluir os efeitos da renda dos pais – em se tratando dos decis – na caracterização racial dos filhos do domicílio. Dessa maneira, o modelo em questão será essencial para entender a validade do argumento que discute se a renda mais alta pode trazer menor variação de raças entre irmãos, o que poderia ser explicado, por exemplo, pelo maior grau de instrução em relação à ideia de raça, que ainda é nebulosa (OSÓRIO, 2021).

Por fim, o espaço físico também foi incluído na análise, tanto ao olhar da urbanidade das famílias quanto pela perspectiva da região do Brasil. Nesse sentido, a diferença entre região urbana e rural foi mínima, enquanto as regiões trouxeram ideias mais acuradas. Isso porque a Região Nordeste foi a que mais apresentou irmãos com raças diferentes, 23%. Em contrapartida, a Região Sul apresentou apenas 8,3% de heterogeneidade racial entre irmãos,

demonstrando as lacunas de discussão sobre raça entre as diferentes regiões do Brasil, que carregam consigo históricos diferentes de renda e educação (BAILEY & TELLES, 2006).

Portanto, torna-se notável, a partir desse contexto descritivo, que as características e o histórico familiar, tanto no que se trata de educação quanto de rendimentos – principalmente dos pais –, podem ser representações que ajudam a dimensionar a identificação racial como um fator complexo e fluido. Desse modo, toda essa ideia de que as características e ambientes nos quais os filhos são inseridos têm efeito na fluidez da caracterização de raça, principalmente no Brasil, ajuda a entender a delimitação pouco clara do debate que se estabelece em relação ao que de fato se entende por raça no contexto brasileiro (FERES JÚNIOR, 2004).

4. Metodologia e resultados

4.1. Metodologia

Como forma de estudar as diferenças raciais entre os irmãos de uma mesma família, buscou-se compreender, seguindo algumas ideias do estudo de Francis (2016), os padrões de características da base de estudo – obtida a partir da pesquisa anual da PNAD de 2019 – em um contexto entre famílias e intrafamiliar. Nesse sentido, o estudo baseia-se em duas partes, assim como propõe Francis-Tan (2016).

Inicialmente, como uma forma de avaliar a ocorrência de irmãos com raças diferentes nos domicílios e compreender os padrões entre as famílias, a primeira parte concentra-se em entender quais são os fatores que podem influir nesse evento. Desse modo, como forma complementar à análise de características e composições familiares em domicílios com 2 ou mais irmãos feita nas seções anteriores, adota-se um modelo de regressão como forma preditiva, levando em conta a segmentação já utilizada para as amostras, sendo elas: i) de 5 a 13 anos, ii) de 14 a 19 anos e iii) de 20 a 25 anos.

Nesse sentido, foi utilizado um modelo de probabilidade linear como forma de identificar e entender quais são os fatores capazes de prever se os irmãos de uma família seriam identificados com raças distintas entre eles. Desse modo, como variável dependente foi estabelecida a *dummy f_racas_dif*, que atribui 1 para os domicílios onde os filhos possuem raças diferentes e zero caso contrário. Logo, obteve-se a seguinte regressão:

$$f_racas_dif = \beta_0 + \beta_1 \text{número de irmãos e gênero dos irmãos}_i + \beta_2 \text{etnia dos pais} \\ + \beta_3 \text{características educacionais e de renda dos pais} + \beta_4 \text{localização} + \varepsilon_i$$

Como variáveis explicativas do modelo e potenciais predictoras da ocorrência de irmãos com raças diferentes, nesse modelo, inclui-se como explicitado as características dos indivíduos e suas composições, como as composição entre número e sexo dos irmãos do domicílio, além de variáveis de localização voltadas para a urbanidade e região. Como forma de compreender a influência das características dos pais, inclui-se tanto as composições raciais dos pais, bem como os níveis educacionais e de renda.

Complementar a essa análise preditora utilizando o modelo de probabilidade linear multivariado, a avaliação das diferenças étnicas na educação e nos resultados do mercado de trabalho entre famílias também foi de suma importância. Desse modo, foram estimadas as diferenças não ajustadas entre os grupos raciais, de maneira a identificar os padrões tanto nas amostras completas das faixas etárias, quanto a amostra de irmãos dos domicílios, levando em conta, portanto, a segmentação por faixa de idade estudada. As diferenças entre os grupos raciais também são abordadas com os controles demográficos bem como as características familiares.

Nesses casos, as regressões sem controle seriam representadas da seguinte forma, considerando y variáveis dependentes relacionadas à educação e renda dos indivíduos:

$$y_i = \beta_0 + \beta_1 \cdot preto_i + \beta_2 \cdot pardo_i + \varepsilon_i$$

Por fim, como uma forma de identificar os efeitos de raça dentro do mesmo domicílio considerando o cenário de irmãos com raças diferentes, o estudo estende a análise para o estimador de efeitos fixos. Nesse sentido, como propõe Francis-Tan (2016), uma forma simples de entender essa aplicação, estuda-se como os dados de acompanhamento do painel do domicílio e dos irmãos.

Nesse caso, como uma forma de compreender essa proposta, ao considerar os irmãos i e j de um domicílio h no contexto socioeconômico m , o resultado y é expresso por:

$$y_{ihm} = \beta \cdot r_{ihm} + \delta \cdot x_{ihm} + \theta_{hm} + \lambda_{hm} + \varepsilon_{hm}$$

A partir dessa equação, β expressa o efeito da raça nos resultados, x representa as variáveis observáveis que afetam y , como gênero e raça e o efeito familiar é expresso por θ_{hm} . Além disso, o contexto macro socioeconômico é capturado por m , além de serem expressas as variáveis não observáveis como por exemplo características de personalidade ou mesmo habilidades cognitivas, valendo para ambos irmãos observados (FRANCIS, 2016).

Levando essa análise de cada irmão do domicílio em conta, o estimador de efeitos fixos de b pode ser obtido a partir da diferença entre as equações dos irmãos de determinado domicílio. Nesse caso, a diferença entre as equações faz com que as variáveis relacionadas ao histórico familiar e o contexto socioeconômico ao qual os irmãos estão inseridos desapareçam do modelo. O modelo especificado seria expresso então por:

$$y_{ihm} - y_{jhm} = \beta (r_{ihm} - r_{jhm}) + \delta \cdot (x_{ihm} - x_{jhm}) + (\varepsilon_{ihm} - \varepsilon_{jhm})$$

Para essas análises, foi usado como base os coeficientes relacionados à ideia de irmãos do domicílio de pele mais escuras, utilizando-se da variável *mais_escuro* que atribui, a partir da ordenação: branco, pardo e preto 1 aos irmãos com pele mais escura e 0 aos irmãos de pele mais clara. Sob esses prismas é possível analisar de que forma as variáveis de educação, rendimentos e condições do mercado de trabalho individuais, bem como do ambiente familiar que os filhos estão inseridos podem influenciar entre famílias e intrafamiliar.

4.2. Resultados

4.2.1. Modelo de probabilidade linear

O primeiro modelo estudado focaliza as variáveis explicativas como preditoras da ocorrência de irmãos de raças diferentes em um mesmo domicílio. Para tanto, utilizou-se o modelo de probabilidade linear que regride as diversas variáveis independentes na dummy que evidencia se o domicílio possui ou não filhos com raças diferentes. Desse modo, o modelo passa a ser representado por:

$$f_racas_dif = \beta_0 + \beta_1 \text{composições de número e sexo dos irmãos}_i + \beta_2 \text{raças dos pais} + \beta_3 \text{características educacionais dos pais} +$$

$$\beta_4 \text{decis de renda dos pais} + \beta_5 \text{urbano} + \beta_4 \text{regiões} + \varepsilon_i$$

A partir desse modelo, interpreta-se, portanto, como essas variáveis impactaram a probabilidade dos domicílios em análise apresentarem filhos identificados com raças distintas entre si. Tomando como exemplo a composição de filhos de uma unidade domiciliar, o coeficiente da variável *mais_3_filhos* retorna o quanto um domicílio com mais de três filhos influi para o evento de heterogeneidade racial. O mesmo é válido para as demais variáveis. Sendo assim, a tabela 6 resume esse estudo preditor, segmentando por faixas de idade, conforme as estatísticas descritivas.

Tabela 6: Modelos de Probabilidade Linear para características preditoras de filhos com raças diferentes segmentadas por faixas de idade

Variáveis independentes	5-13 anos	14-19 anos	20-25 anos
Composição dos irmãos			
1 homem, 1 mulher	0.00619 (0.87)	0.000285 (0.03)	0.0137 (1.34)
0 homens, 2 mulheres	0.0135 (1.83)	0.0115 (1.06)	0.0173 (1.51)
3 homens, 0 mulheres	0.0565*** (4.70)	0.0688*** (4.28)	0.0420* (2.19)
0 homens, 3 mulheres	0.0195 (1.49)	0.0356 (1.87)	0.0220 (0.92)
2 homens, 1 mulher	0.0545*** (6.40)	0.0257* (2.27)	0.0253 (1.91)
1 homem, 2 mulheres	0.0412*** (4.69)	0.0335** (2.77)	0.0184 (1.27)
Mais de 3 filhos	0.153*** (20.89)	0.137*** (13.84)	0.150*** (12.35)
Composição racial dos pais			
Ambos pretos	0.0373** (2.88)	0.0128 (0.77)	0.00753 (0.39)
Ambos pardos	-0.000911 (-0.14)	-0.0134 (-1.46)	0.0111 (1.06)
1 preto, 1 pardo	0.243*** (22.05)	0.304*** (19.91)	0.319*** (18.36)

1 branco, 1 pardo	0.359*** (47.79)	0.355*** (34.08)	0.350*** (29.65)
1 branco, 1 preto	0.272*** (22.03)	0.271*** (15.91)	0.231*** (12.55)
Composição educacional dos pais			
Ambos educação média	-0.0105 (-1.46)	-0.00928 (-0.85)	-0.00735 (-0.62)
Ambos educação alta	-0.0216 (-1.80)	-0.00595 (-0.33)	0.00826 (0.39)
Pai baixa, mãe média	-0.000216 (-0.03)	-0.0153 (-1.49)	-0.0289* (-2.42)
Pai média, mãe baixa	0.00794 (0.84)	0.0169 (1.24)	0.0116 (0.82)
Pai alta, mãe média	-0.0258 (-1.74)	0.0103 (0.47)	-0.0184 (-0.81)
Pai média, mãe alta	-0.0211 (-1.74)	-0.0369* (-2.08)	-0.00397 (-0.20)
Pai baixa, mãe alta	-0.0115 (-0.70)	-0.0254 (-1.30)	0.00797 (0.36)
Pai alta, mãe baixa	-0.0570 (-1.72)	0.0133 (0.32)	-0.0234 (-0.51)
Decis de renda			
Decil 1	-0.0183 (-1.78)	-0.0176 (-1.21)	-0.0177 (-1.11)
Decil 2	-0.0193* (-2.25)	-0.0212 (-1.77)	-0.000251 (-0.02)
Decil 3	0.00327 (0.17)	0.0175 (0.65)	-0.0294 (-1.04)
Decil 4	0.00174 (0.19)	0.00445 (0.35)	-0.00635 (-0.42)
Decil 6	-0.0175 (-1.51)	-0.0227 (-1.48)	-0.00607 (-0.37)
Decil 7	-0.00747 (-0.79)	-0.00537 (-0.41)	0.00489 (0.32)

Decil 8	-0.00655 (-0.67)	-0.00967 (-0.72)	0.0152 (0.99)
Decil 9	-0.00806 (-0.80)	-0.0194 (-1.39)	-0.00228 (-0.14)
Decil 10	-0.00594 (-0.53)	-0.0223 (-1.39)	-0.0306 (-1.74)
urbano	0.0322* (2.32)	0.00690 (0.95)	0.00425 (0.51)
Região			
Norte	0.000953 (0.10)	-0.00951 (-0.72)	-0.0282 (-1.87)
Nordeste	-0.0318*** (3.67)	-0.0348** (2.84)	-0.00296 (-0.21)
Sudeste	-0.0205* (-2.32)	-0.0250* (-2.01)	-0.0345* (-2.44)
Sul	0.0545*** (-5.54)	0.0778*** (-5.55)	0.0844*** (-5.25)
Constante	0.0638*** (5.20)	0.0929*** (5.38)	0.0928*** (4.72)
<i>N</i>	25131	13632	10216
adj. <i>R</i> ²	0.168	0.176	0.161

Estatísticas t em parênteses

Categorias de referência para as dummies do modelo:

Composição de gênero e número de irmãos: 2 homens e 0 mulheres

Nível educacional dos pais: ambos baixa

Composição racial dos pais: ambos brancos

Decil de renda dos pais: decil 5

Situação do domicílio: Rural

Região: Centro-Oeste

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

A partir dessa tabela, como sugere a análise, os resultados apresentam certa semelhança de comportamento ao olhar de maneira apartada as diferentes faixas de idade. Como explorado nas estatísticas descritivas, o maior preditor da distinção racial entre irmãos está relacionado à diferença racial também entre os pais. Além da prevalência, que expressa

que quando os pais têm raças diferentes a ocorrência de filhos também com raças distintas pode ser superior a 50%, para o caso de um dos pais pardo e o outro branco.

De modo complementar a essa visão, a partir das regressões expostas na tabela 6, expressam que nos casos de em que um dos pais é identificado como preto e o outro pardo, há um aumento da probabilidade de ter irmãos de raças diferentes em cerca de 33 pontos percentuais para a parcela entre 14 e 25 anos comparando com ter ambos pais identificados como brancos. Como grupo mais expressivo, ter um pai branco e um pardo aumenta a probabilidade de heterogeneidade de raças entre irmãos em 35 pontos percentuais (p.p). É evidente também que em grupos em que os pais apresentam a mesma raça, os coeficientes da regressão não são significantes ao nível de 10%.

Também como explorado nas estatísticas descritivas, que narraram que nos domicílios com maior número de filhos havia uma maior frequência de filhos com raças diferentes. Nessa mesma perspectiva, nos casos de domicílios com apenas dois irmãos, os coeficientes não foram significativos. Já para os grupos com três irmãos, a possibilidade de ter irmãos com raças diferentes aumenta em domicílios em que há mais irmãos homens.

Para o caso em que há três irmãos homens, na segmentação entre 14 e 19 anos, essa possibilidade aumenta em 6,8 p.p. e para a segmentação de 5 a 13 anos aumenta em 5,65 p.p. comparando a domicílios com 2 homens e nenhuma mulher. Ademais, para os casos mais expressivos, ter mais de 3 irmãos aumenta a possibilidade de apresentar distinção racial até 15,3 p.p. para a segmentação mais jovem. Já no grupo de análise mais velho, essa porcentagem relativa é de 15 p.p.

Apesar dessas análises serem fortes preditoras, em se tratando de variáveis relacionadas à educação e renda dos pais obteve-se pouca significância. Em se tratando de educação, apenas para o nível de pai baixa e mãe média, houve uma redução de cerca de 2,8 p.p. da probabilidade do evento de distinção racial ao tratar de educação baixa.

Também para o caso dos decis, a significância foi baixa com relação aos níveis de renda, todavia o segundo decil apenas para a segmentação entre 5 e 13 anos diminui a de classificação racial distinta em cerca de 2 p.p.. Não obstante, os achados do trabalho entram em discordância com a conclusão de Francis-Tan (2016, p.259), uma vez que a conclusão que chega é que “Famílias com pais relativamente educados e famílias com pais de renda

relativamente baixa ou alta têm uma probabilidade modestamente menor de ter irmãos de raças diferentes.”

Ainda, as variáveis de região e condição de urbanidade também corroboram a análise, ainda que com coeficientes relativamente pequenos em alguns prismas. Nesse caso, para a condição de urbanidade apenas a segmentação de 5 a 13 anos foi significativa, aumentando a probabilidade de ter irmãos de raças diferentes em 3,2 p.p.

Para o caso das regiões, são notáveis padrões mais significativos, indicando que filhos residentes do nordeste diminuem — comparado ao centro-oeste *ceteris paribus* — a possibilidade do evento de heterogeneidade racial entre irmãos entre 3,1 e 3,4 pontos percentuais. Já para o caso do sul, a mesma análise representa um aumento entre 5 e 8 pontos percentuais, respectivamente para a faixa etária de 5 a 13 anos e de 20 a 25 anos.

4.2.2. Modelo de diferenças ajustadas e não ajustadas entre os grupos raciais

Como forma de avaliar as diferenças entre os grupos raciais levando em conta as variáveis de educação e rendimentos, busca-se entender como se comportam esses padrões comparando as raças do estudo. Desse modo, foram regredidas as diversas variáveis dependentes nas raças que são expostas nas tabelas para entender os efeitos raciais entre as famílias. Para tanto utilizou-se a segmentação de idade já usual na pesquisa, incluindo a visão total das observações, bem como a parcela de domicílios com dois ou mais irmãos. Portanto, o modelo que representa as regressões de estudo seria representado por:

$$y_i = \beta_0 + \beta_1 \cdot preto_i + \beta_2 \cdot pardo_i + \varepsilon_i$$

Para o último caso, foram visualizados, inclusive, os resultados dos coeficientes de raça para regressões sem controle — nas segundas colunas das tabelas 7, 8 e 9 — e regressões com controles de características familiares de raça, rendimentos e educacionais, bem como características individuais, como sexo e idade. Nas tabelas, as linhas representam os coeficientes das respectivas raças da variável dependente, enquanto a primeira coluna representa a variável dependente e as demais colunas representam as estratificações das faixas de idade. Além disso, as características de localização, como a condição do domicílio enquanto rural ou urbano e a região também foram consideradas para controlar a equação, agregando ao modelo representado acima.

A partir disso, a tabela 7 resume as diferenças em educação comparando os grupos raciais segmentados por idade. Nesse caso, para a faixa de idade entre 5 e 13 anos, foi utilizada a perspectiva das observações gerais, bem como a segmentação de irmãos sem e com controle.

Tabela 7: Diferenças raciais nos resultados educacionais e do mercado de trabalho em amostras completas e entre irmãos com e sem controle - segmentação entre 5 e 13 anos

Variáveis dependentes		5-13 anos (total)	5-13 anos (Irmãos sem controle)	5-13 anos (Irmãos com controle)
Matrícula em escola	Preto	-0.00127 (-0.68)	-0.00264 (-0.89)	0.00244 (0.61)
	Pardo	-0,00219* (-2.35)	-0.00116 (-0.89)	0.00464* (2.46)
Instituição particular	Preto	-0.113*** (-5.83)	-0.133*** (-12.71)	-0.0181* (-1.51)
	Pardo	-0.121*** (-32.70)	-0.146*** (-30.48)	-0.0243*** (-4.27)
Anos de estudo	Preto	0.0144 (0,33)	0.0664 (0.96)	-0.178** (-1.91)
	Pardo	0.00941 (0,32)	0.00653 (0.21)	-0.129** (-2.96)
Ensino primário ou mais	Preto	0.0114 (1.48)	0.00943 (0,77)	0.0186 (1.13)
	Pardo	0.0118** (3.07)	0.00989 (1.77)	0.0184* (2,40)
<i>N</i>		54803	24864	24864

Estatísticas t em parênteses

Branco é a categoria de comparação para todas as regressões. Os controles inseridos na terceira coluna "5-13 anos (Irmãos com controle)" são: i) idade; ii) sexo iii) composição dos irmãos.; iv) raça dos pais, educação dos pais; v)renda dos pais vi)urbanidade e vii) região.

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Para o caso da segmentação de 5 a 13 anos, as regressões levam em conta apenas variáveis educacionais, uma vez que a avaliação de rendimentos e mercado de trabalho não figuram significância para as observações. Partindo disso, como variável de maior destaque, a matrícula em instituição particular demonstra fortes diferenças entre as raças tanto nas regressões gerais, quanto nas segmentações de irmãos do domicílio. Nesse caso, pretos e pardos são pelo menos 11 p.p menos prováveis de estarem matriculados em instituições de ensino particulares.

Essa evidência é mais forte para as bases gerais e para a base de irmãos sem os controles, em que a diferença negativa chega a 14,6 p.p. para pardos no caso das observações de irmãos. Com coeficientes menos expressivos, as bases de estudo de irmãos com os controles apresentam que pretos e pardos têm entre 1 e 2 p.p menos chances de estar matriculados em instituições de ensino particulares. Ademais, estudando a variável de matrícula em escola, os coeficientes em que foram significativos mostram também ligeira diferença ao comparar pardos e pretos a brancos.

Ao observar os anos de estudo da análise entre 5 e 13 anos, apenas as segmentações de irmãos que com controles foram significativas e expressaram novamente uma desvantagem ao comparar os irmãos pardos e pretos aos brancos. Ainda que pouco expressivos, pardos e pretos já nessa faixa de idade apresentam até 0,17 anos de estudo a menos. Diferença que se amplifica nas faixas de idade mais avançadas e que serão vistas em seguida.

Considerando a mesma análise para a segmentação entre 14 e 19 anos, os resultados são expressos na tabela 8. A partir dessa segmentação, adicionam-se as variáveis relacionadas ao mercado de trabalho e de rendimentos, para uma compreensão mais ampla das diferenças raciais.

Tabela 8: Diferenças raciais nos resultados educacionais e do mercado de trabalho em amostras completas e entre irmãos com e sem controle - segmentação entre 14 e 19 anos

		14-19 anos (Total)	14-19 anos (Irmãos sem controles)	14-19 anos (Irmãos com controles)
Matrícula em escola	Preto	-0.0360*** (-4.29)	-0.0456*** (-3.42)	-0.0338** (-1.86)
	Pardo	-0.0233*** (-5.02)	-0.0188** (-2.73)	-0.0288* (-2.20)

Instituição particular	Preto	-0.109*** (-18.69)	-0.116*** (-11.69)	-0.0220*** (-3.33)
	Pardo	-0.101*** (-31.27)	-0.108*** (-17.78)	-0.0166** (-2.75)
Anos de estudo	Preto	-0.447*** (-9.88)	-0.371*** (-4.91)	-0.0519* (-0,52)
	Pardo	-0.507*** (-20.27)	-0.456*** (-11.70)	0.0531 (1.21)
Ensino Fundamental/Médio ou mais	Preto	-0.0469*** (-6.08)	-0.0132 (-1.03)	0.0181 (1.17)
	Pardo	-0.0547*** (-11.12)	-0.0434** (-6.55)	-0.00454 (-0.58)
Força de trabalho	Preto	0.0199* (2.25)	0.0343* (2.49)	0.0406* (2.09)
	Pardo	-0.0216*** (-5.51)	-0.0169* (-2.25)	0.00824 (0.84)
Empregado	Preto	-0.100*** (-6.17)	-0.120*** (-4.35)	-0.0820* (-2.15)
	Pardo	-0.0507*** (-5.45)	-0.0287 (-1.92)	-0.0174 (-0.84)
Log de renda	Preto	-0.344*** (-9.42)	-0.264*** (-3.87)	-0.102 (-1.21)
	Pardo	-0.306*** (-14.79)	-0.282*** (-7.80)	-0.0234 (-0.51)
Decis de renda	Preto	-0.132** (-3.23)	-0.0720 (-1.18)	0.0886 (1.06)
	Pardo	-0.291*** (-12.91)	-0.211*** (-6.74)	0.0246 (0.60)
Emprego informal	Preto	0.0200*** (3.93)	0.0103** (1.32)	0.0110 (0.96)
	Pardo	0.00683* (2.43)	0.00803* (1.98)	0.00995 (1.72)
Ocupação qualificada	Preto	-0.00186 (-1.48)	-0.000349 (-0.17)	0.00278 (0.94)

Pardo	-0.00244*** (-3.52)	-0.00165 (-1.60)	0.00102 (0.68)
<i>N</i>	41071	16534	16534

Estatísticas t em parênteses

Branco é a categoria de comparação para todas as regressões. Os controles inseridos na terceira coluna “5-13 anos (Irmãos com controle)” são: i) idade; ii) sexo iii) composição dos irmãos; iv) raça dos pais, educação dos pais; v) renda dos pais vi) urbanidade e vii) região.

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Para a faixa etária entre 14 e 19 anos os resultados interpretativos de educação são semelhantes e em alguns casos com coeficientes mais expressivos, como da matrícula em escola em que pretos e pardos apresentam entre 2,8 e 4,5 pontos percentuais menos chances de estarem matriculados comparado aos brancos. Ainda, os números se assemelham com relação à instituição particular, sendo menos prováveis entre 10 e 11 pontos percentuais.

De forma mais expressiva, a diferença em anos de estudo chega a ser de meio ano de diferença para pardos ou pretos, reiterando, ainda na segmentação de irmãos, um padrão de desigualdade racial. Outrossim, uma outra diferença notada diz respeito à conclusão do ensino fundamental para essa segmentação, em que irmãos pardos e pretos têm pelo menos 4% menos de chance de terem concluído esse nível educacional.

Quanto à condição de empregado, os coeficientes apontam para uma participação para uma maior probabilidade de desemprego entre pretos e pardos variando entre 8 e 12 pontos percentuais a menos. Adicionalmente, ao analisar as demais variáveis que denotam as condições de trabalho, também é expresso que esse grupo está mais sujeito à informalidade.

No grupo analisado para pretos e pardos, a diferença é de até 2 pontos percentuais como probabilidade de estarem alocados em um trabalho informal. Essa análise corrobora para os próprios dados do IBGE, que segundo a Agência Brasil (2019), 34,6% de pessoas brancas se encontram em condições informais de trabalho, enquanto essa parcela era de 47,3% para pretos e pardos em 2019.

Por fim, ao analisar as variáveis de renda, nota-se, novamente, uma desproporção ao comparar os brancos aos indivíduos identificados como pretos e pardos. Considerando os

rendimentos, pretos e pardos apresentam cerca de pelo menos 26%, a menos nas bases de irmãos, podendo chegar a cerca de 29% ($100 * [\exp(-0,344) - 1]$) para a base total entre 14 e 19 anos. Ainda, esse diferencial de renda se expressa nos decis de renda.

De maneira analítica, a segmentação dos indivíduos entre 20 e 25 anos segue boa parte dos padrões notados nas regressões da parcela entre 14 e 19 anos. Nesse sentido, desde as ideias iniciais relacionadas às variáveis educacionais até as variáveis de renda apresentam desvantagens para pessoas identificadas como pretos e pardos, demonstrando que as lacunas comparadas aos indivíduos identificados como brancos são ainda mais expressivos, tendo em vista os coeficientes observados.

Tabela 9: Diferenças raciais nos resultados educacionais e do mercado de trabalho em amostras completas e entre irmãos com e sem controle - segmentação entre 20 e 25 anos

		20-25 anos (Total)	20-25 anos (Irmãos sem controles)	20-25anos (Irmãos com controles)
Matrícula em escola	Preto	-0.100*** (-12.15)	-0.138*** (-7.71)	-0.0477* (-1.97)
	Pardo	-0.0918*** (-19.46)	-0.129*** (-13.63)	-0.0245 (-1.89)
Instituição particular	Preto	-0.0951*** (-14.43)	-0.143*** (-10.02)	-0.0522** (-2.63)
	Pardo	-0.0874*** (-23.23)	-0.118*** (-15.50)	-0.0234* (-2.22)
Anos de estudo	Preto	-1.172*** (-20.38)	-1.400*** (-11.22)	-0.606*** (-3.75)
	Pardo	-1.154*** (-35.15)	-1.352*** (-20.39)	-0.140 (-1.63)
Ensino Fundamental/Médio ou mais	Preto	-0.0758*** (-7.99)	-0.0837*** (-4.24)	-0.0720** (-2.64)
	Pardo	-0.0838*** (-15.64)	-0.0862*** (-8.22)	-0.0139 (-0.95)
Força de trabalho	Preto	0.0417*** (5.06)	-0.0657*** (-6.43)	-0.00475 (-0.18)
	Pardo	-0.0590*** (-11.78)	-0.0241 (-1.25)	0.0134 (0.93)

Empregado	Preto	-0.0721*** (-7.82)	-0.0973*** (-4.66)	0.0190 (-0.67)
	Pardo	-0.0594*** (-11.08)	-0.0761*** (-6.84)	-0.0210 (-1.40)
Log de renda	Preto	-0.321*** (-15.78)	-0.314*** (-6.87)	-0.0308 (-0.54)
	Pardo	-0.413*** (-35.35)	-0.439*** (-18.35)	-0.0236 (-0.79)
Decis de renda	Preto	-0.503*** (-8.48)	-0.600*** (-4.90)	0.0988 (0.58)
	Pardo	-0.768*** (-22.68)	-0.764*** (-11.73)	0.0524 (0.57)
Emprego informal	Preto	0.0395*** (5.85)	-0.00461 (-0.35)	-0.0156 (-0.79)
	Pardo	0.0263*** (6.81)	0.00571 (0.81)	-0.00511 (0.05)
Ocupação qualificada	Preto	-0.0323*** (-8.46)	-0.0441*** (-5.54)	-0.0241* (-2.07)
	Pardo	-0.0365*** (-16.77)	-0.0366*** (-8.66)	-0.00464 (-0.75)

<i>N</i>	37893	10101	10101
----------	-------	-------	-------

Estatísticas t em parênteses

Branco é a categoria de comparação para todas as regressões. Os controles inseridos na terceira coluna “5-13 anos (Irmãos com controle)” são: i) idade; ii) sexo iii) composição dos irmãos; iv) raça dos pais, educação dos pais; v) renda dos pais vi) urbanidade e vii) região.

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

Na parcela das observações que leva em conta indivíduos entre 20 e 25 anos, os indivíduos pretos e pardos continuam educacionalmente desfavorecidos. Um fato que chama atenção é que a diferença na quantidade de anos de estudo é a mais expressiva nessa faixa de

idade, ao comparar com as demais segmentações, chegando a representar 1,4 anos de diferença entre indivíduos pretos e brancos para a base de irmãos sem os controles.

Em se tratando da condição de indivíduos empregados, é possível notar uma menor probabilidade, de maneira geral, entre pretos e pardos. A variação da taxa de emprego, se comparada ao grupo de indivíduos identificados como brancos, é entre 5,94 pontos percentuais negativos ao levar em conta o chegando a 9,73 p.p. na segmentação de irmãos sem considerar os controles. Portanto, torna-se notável uma maior probabilidade de pretos e pardos estarem desempregados, considerando inclusive e com maior efeito, a base de irmãos.

De maneira quase análoga à segmentação entre 14 e 19 anos, ao tratar da informalidade do trabalho, na segmentação total de indivíduos entre 20 e 25 anos, que considera apenas a faixa de idade, reitera a ideia de exposição do grupo de pretos e pardos à informalidade. A partir das regressões, a diferença chega a 4 pontos percentuais ao tratar da alocação em trabalho informal de pessoas identificadas com pretas e pardas.

Ao concluir a análise das variáveis de renda, torna-se evidente que há uma discrepância notável entre brancos e indivíduos identificados como pretos e pardos. Ao considerar os rendimentos, constata-se que pretos e pardos apresentam, em média, uma renda cerca de 27% menor do que a dos brancos, sendo que essa diferença pode chegar a 35,5% para a base total entre 20 e 25 anos ($100 * [\exp(-0,439) - 1]$) nos casos de irmãos. Tal desigualdade se manifesta de forma semelhante nos decis de renda.

4.2.3. Modelo intrafamiliar a partir de efeitos fixos

Como forma de entender as estimativas levando em conta os diferenciais entre irmãos de raças diferentes de um mesmo domicílio, o painel envolve uma associação entre raça, e resultados educacionais e do mercado de trabalho. Nesse caso, as linhas representam as variáveis dependentes e as colunas segmentações por faixas de idade. Cada observação na tabela 10 representa o coeficiente da variável que identifica os filhos mais escuros em cada regressão.

A partir do modelo que utiliza efeitos fixos utilizando o domicílio e os irmãos como painel, de modo que o grupamento analisado consiste na informação de irmãos como o painel. Desse modo, a diferença racial entre os irmãos foi usada para estimar os efeitos a

partir de controles de variáveis familiares e características dos indivíduos observados. Assim, foram estimadas regressões para cada variável dependente da tabela considerando as faixas de idade estudadas. Desse modo, a tabela 10 abaixo, sintetiza os resultados do modelo considerando os coeficientes dos irmãos considerados mais escuros na regressão.

Tabela 10: Estimativas de efeitos de agrupamento familiar entre irmãos controlando para efeitos não observados de variáveis familiares segmentado por faixas de idade

	5-13 anos	14-19 anos	20-25 anos
Matrícula em escola	0.00250 (0.59)	0.0202 (1.10)	-0.0123 (-0.41)
Instituição particular	0.00411 (0.91)	0.0158 (1.51)	-0.00855 (-0.35)
Anos de estudo	0.0658* (2.01)	-0.160 (-1.88)	0.237 (1.43)
Ensino primário ou mais	0.0133 (1,00)		
Ensino Fundamental/Médio ou mais		-0.0134 (-0.77)	0.0132 (0.41)
Força de trabalho		-0.00507 (-0.28)	0.0727* (2.49)
Empregado		-0.0485 (-1.23)	0.00276 (0.07)
Log de renda		0.0689 (0.45)	-0.0163 (-0.23)
Decis de renda		-0.0713 (-0.86)	0.102 (0.50)
Emprego informal		-0.00699 (-0.58)	0.00386 (0.15)

Ocupação qualificada	0.00216 (0.71)	-0.0114 (-0.68)
----------------------	-------------------	--------------------

<i>N</i>	24.357	16,352	10,902
----------	--------	--------	--------

Estatísticas t em parênteses

* $p < 0.05$, ** $p < 0.01$, *** $p < 0.001$

Fonte: IBGE - PNAD 2019. Elaboração própria

As estimativas, conforme expressa a tabela 10, em sua maioria, não mostraram uma significância nem mesmo a 10%. Apenas os resultados de em anos de estudo para a faixa de idade entre 5 e 13 anos, bem como a condição de força de trabalho para a segmentação de irmãos entre 20 e 25 anos foram significantes a um nível de 5%.

A diferença expressiva entre os resultados deste estudo e o artigo base de Francis (2016), pode estar relacionada à diferença nos conjuntos de dados. Além disso, levando em conta o tamanho da amostra da PNAD comparada ao Censo, a PNAD expressa um volume menor e nesse caso, uma redução do tamanho da amostra pode ter reduzido a significância dos resultados.

Apesar disso, justamente ao olhar as observações de Francis (2016) com dados do Censo de 2010 demonstram, por exemplo que a raça mais escura está positiva e significativamente associada à participação na força de trabalho para a segmentação de 15 a 19 anos, assim como ocorre com os dados da PNAD de 2019.

5. Conclusão

De fato, a complexidade da discussão relacionada à identificação racial no Brasil ganha dimensões econômicas importantes, quando coloca-se em perspectiva as persistentes desigualdades. Ainda que explorados na literatura, fatores familiares que se colocam com relação a raça – como por exemplo o casamento interracial – auxiliam no entendimento dos padrões raciais que dão luz não apenas à realidade conjuntural, como também aos fenômenos intrageracionais (SCHWARTZMAN, 2007)

Nessa perspectiva, comprova-se que o fenômeno de heterogeneidade racial entre irmãos de um mesmo domicílio é um padrão consistente e estatisticamente relevante. Isso porque em mais de 17% dos domicílios, segundo dados de 2019 da PNAD, ocorre o evento de distinção de identificação racial entre irmãos, o que corrobora com a análise que relaciona o evento e variáveis de educação e mercado de trabalho (FRANCIS, 2016).

O estudo, portanto, mostra a importância da análise quantitativa do objeto de estudo relacionado às distinções raciais intrafamiliares. Descritivamente, essas análises mostram-se importantes para destacar a diferença salarial e educacional sintomática entre o grupo de domicílios com filhos de mesma raça e domicílios com filhos de raças diferentes. Nesse sentido, como exemplo comparativo, a renda dos pais com filhos de mesma raça é mais de 20% superior, reiterando os padrões de desigualdades raciais notados.

Ademais, as variáveis de composição familiar auxiliam no dimensionamento de mais padrões como este. Dessa maneira, notar a distinção racial dos pais como principal preditor da distinção racial também entre os filhos faz com que o evento de análise mostra a relevância do contexto familiar para a identificação racial. Além disso, a existência de mais filhos no domicílio corrobora para identificação racial distinta entre os irmãos, alinhando-se às variáveis de renda.

Para além das variáveis descritivas que destacam essa formulação das características e composições familiares como preditoras, a análise que evidencia o diferencial educacional e de retornos do mercado de trabalho demonstrou que na segmentação de irmãos do mesmo domicílio, tipicamente os irmãos pardos e negros são menos favorecidos. Isso se reforça também nas segmentações de idades, uma vez que com o avanço das idades, os fatores educacionais e relacionados ao mercado de trabalho demonstram uma distância ainda maior

se comparada aos filhos brancos dos domicílios ao olhar as regressões da faixa de idade entre 20 e 25 anos.

De forma complementar a todas essas perspectivas, os resultados da tabela 10 não mostraram significância estatística na maioria das estimativas, mesmo a um nível de confiança de 10%. Apenas os anos de estudo na faixa etária de 5 a 13 anos e a condição de força de trabalho entre irmãos de 20 a 25 anos foram estatisticamente significativos a um nível de 5%. A diferença entre esses resultados e o estudo anterior de Francis (2016) pode ser atribuída aos diferentes conjuntos de dados utilizados.

Além disso, a menor amostra da PNAD em comparação com o Censo pode ter reduzido a significância dos resultados. No entanto, as observações de Francis (2016) com dados do Censo de 2010 demonstram que a raça mais escura está positivamente associada à participação na força de trabalho na faixa etária de 15 a 19 anos, como também é visto nos dados da PNAD de 2019. Essas descobertas sugerem que a raça pode influenciar a participação na força de trabalho, especialmente entre os jovens.

De fato, apesar das análises realizadas, a relação com os modelos que expressam como a educação e rendimento dos pais do domicílio têm efeito na identificação racial dos filhos, maior parte das regressões não se mostraram significativas. As exceções são apenas o segundo decil de renda dos pais na segmentação de 20 a 25 anos, bem como o grupo de famílias em que o pai possui educação baixa e mãe educação média, influem negativamente para a caracterização de filhos com raças diferentes.

Essa conclusão, portanto, vai em outra direção comparada ao estudo de Francis (2016) que concluiu que, a partir de dados de 2010, famílias com pais relativamente mais ricos e mais educados, têm uma tendência menor, ainda que singela, de ter irmãos com raças diferentes. Nesse sentido, a distinção racial entre irmãos carrega consigo importantes fatores de análise que ajudam a dimensionar as justificativas tanto entre famílias, como intrafamiliarmente.

Apesar dos resultados em painel, que representam as análises intrafamiliares não terem sido estatisticamente significantes, em sua maioria, toda a análise corrobora para sinalizar a persistência das desigualdades raciais que se comportam até mesmo no contexto interno das famílias. Essa ideia reporta, portanto, a dimensão complexa da identificação racial

quando das implicações sociais implícitas a ela relacionada, demonstrando que mesmo as relações familiares ainda são importantes para as vivências de raça no imaginário social.

6. Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores informais no país.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>. Acesso em: 14 jan. 2023.

BAILEY, S. R.; TELLES, E. E. **Multiracial vs. Collective Black Categories: Census Classification Debates in Brazil.** *Ethnicities*, v. 6, n. 1, p. 74-101, 2006.

BAPTISTA, Raphael G. S. **Impactos do racismo em aspectos socioeconômicos da população negra Brasileira de 1995-2015: uma análise com base na teoria da causalção circular de Gunnar Myrdal.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco, 2022.

BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane Silva Pinto. **Diferenças entre discriminação racial e por gênero e o desenho de políticas anti-discriminatórias.** *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 04, n. 01, p. 183-193, 1996. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X1996000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 7 de dez. 2022.

CHADAREVIAN, Pedro C. **Existe uma teoria econômica da discriminação.** Juiz de Fora. UFJF.[Texto para discussão, 23], 2009.

_____. **Para medir as desigualdades raciais no mercado de trabalho.** *Brazilian Journal of Political Economy* [online]. 2011, v. 31, n. 2, pp. 283-304. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31572011000200007>>. Acesso em: 29 de set. 2022.

DANIEL, G. **Race and Multiraciality in Brazil and the United States: Converging Paths?**, (2010). Pennsylvania State University Press. Disponível em: <<https://www.psupress.org/books/titles/0-271-02883-1.html>>. Acesso em: 25 set. 2022.

FERES JÚNIOR, João. **Raça, classe e ideologia no Brasil: questões sobre a formação das identidades raciais e de classe.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 167-186, jan./abr. 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100009. Acesso em: 25 set. 2022.

FRANCIS-TAN A. **Light and shadows: an analysis of racial differences between siblings in Brazil**. Soc Sci Res (2016); 58: 254-65.

FRANCIS-TAN, A.M., TANNURI-PIANTO, M., (2013). **Endogenous race in Brazil: affirmative action and the construction of racial identity among young adults**. Econ. Dev. Cult. Change 61 (4), 731e753. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/670375>>. Acesso em 2 jun. 2022

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo (1999); Editora 34

HARRIS, M.D., (1963). **Racial identity in Brazil**. Luso-Brazilian Rev. 1 (2), 21e28

LOUREIRO, Paulo R. A.. **Uma resenha teórica e empírica sobre economia da discriminação**. Revista Brasileira de Economia [online]. 2003, v. 57, n. 1 [Acessado 11 Dezembro 2022], pp. 125-157. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71402003000100005>>. Epub 15 Jan 2004. ISSN 1806-9134. <https://doi.org/10.1590/S0034-71402003000100005>.

MARTELETO, Leticia J.; **Educational Inequality by Race in Brazil, 1982–2007: Structural Changes and Shifts in Racial Classification**. Demography 1 February 2012; 49 (1): 337–358. doi: <https://doi.org/10.1007/s13524-011-0084-6>

MITCHELL-WALTHOUR, G., & DARITY, W. **Choosing Blackness in Brazil's Racialized Democracy: The Endogeneity of Race in Salvador and São Paulo**. Latin American and Caribbean Ethnic Studies, 9(3). (2014) , 318–348. doi:10.1080/17442222.2014.959781

OSÓRIO, R.G. **A Desigualdade Racial No Brasil Nas Três Últimas Décadas**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/210611_td_2657.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

OAXACA, R. (1973). **Male-female wage differentials in urban labor markets**. International Economic Review, 14:693709.

SCHWARTZMAN, L. F. (2007). **Does Money Whiten? Intergenerational Changes in Racial Classification in Brazil.** *American Sociological Review*, 72(6), 940–963. <https://doi.org/10.1177/000312240707200605>

TELLES, E.E., (2002). **Racial ambiguity among the Brazilian population.** *Ethn. Racial Stud.* 25 (3), 415e441.

TELLES, E.E., (2003). **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica.** Rio de Janeiro: Relume Dumará.

TELLES, E.E.,. **Race in Another America: the Significance of Skin Color in Brazil.** Princeton University Press, Princeton, NJ. 2004.

TELLES, E.E., SUE, C.A., 2009. **Race mixture: boundary crossing in comparative perspective.** *Annu. Rev. Sociol.* 35, 129e146. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.soc.34.040507.134657>>. Acesso em 26 jun. 2022

THEODORO, M. JACCOUD, L., OSÓRIO, R., SOARES, S., 2008. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição.** Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), Brasília.

TOMÁS, Maria C. (2016). **Relações raciais nas famílias brasileiras.** *Revista Brasileira de Estudos de População* [online]. 2016, v. 33, n. 03, pp. 703-710. Disponível em: <<https://doi.org/10.20947/S0102-30982016c0013>>. Epub Sep-Dec 2016. ISSN 0102-3098.

WOOD, Charles H.; CARVALHO, José Alberto Magno de. **The Demography of Inequality in Brazil.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

Anexos

Gráfico 7: Percentual de filhos de raças diferentes por composição de gênero dos filhos do domicílio (%)

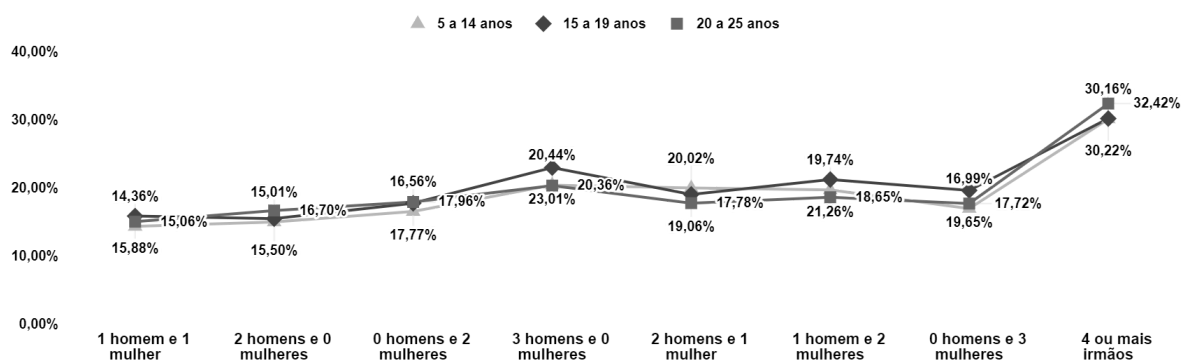


Gráfico 8: Percentual de filhos de raças diferentes por composição educacional dos pais (%)

